

MARÍA TERESA  
ANDRUETTO

BLIMUNDA  
MENSAL N.º 52 SETEMBRO 2016 FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

AVANTE

FREEDOM

THEATRE

PORTO

O ANO DA MORTE

A CASA DA

DE RICARDO REIS

ANDRÉA  
ZAMORANO

EDITORIA

**4**

**Um livro  
só existe se  
é lido**  
Editorial

**6**

**Leituras**  
Sara Figueiredo

**9**

**Estante**  
Andreia Brites  
Sara Figueiredo Costa

**16**

**Festa  
do Avante**  
Sara Figueiredo

**37**

**Freedom  
Theatre**  
Ricardo Viel

**46**

**A Casa da  
Andréa**  
Andréa Zamorano

**55**

**María Teresa  
Andruetto**  
Andreia Brites e Sérgio Letria

**76**

**And the  
winner is...**  
Andreia Brites

**77**

**Visita guiada:  
Porto Editora**  
Andreia Brites

**93**

**Espelho Meu**  
Andreia Brites

**98**

**Saramaguiana:  
O Ano da  
Morte de  
Ricardo Reis**  
Leonor Xavier

**110**

**Agenda**

**Blimunda**

**52**

**setembro**

Este mês de setembro chega aos leitores portugueses a aguardada nova edição de *O Ano da Morte de Ricardo Reis* com a chancela da Porto Editora. O professor e ensaísta Carlos Reis, autor da caligrafia da capa desta edição da Porto Editora, diz a propósito deste título: «*O Ano da Morte de Ricardo Reis*» não é apenas um grande romance sobre um grande poeta; é também uma reinvenção desse poeta por um grande escritor.»

A publicação deste romance em 1984 foi um acontecimento no mundo literário lusófono, tanto pela qualidade do texto

**Sobre ser**

**Ricardo Reis**

**e muito**

**mais**

como pela arriscada temática. «Algo de novo acontece na literatura portuguesa contemporânea», escreveu a jornalista e escritora Leonor Xavier numa das primeiras críticas ao romance – que pode ser lida na íntegra na edição deste mês da *Blimunda*.

Num texto publicado na mesma altura n' *o diário* Miguel Serrano também destaca o tamanho do desafio a que o autor se propõe ao dar «vida» a um heterónimo de Fernando Pessoa. Escreve: «“Madame Bovary sou eu”, disse Gustavo Flaubert, e Flaubert era madame Bovary. Fernando Pessoa foi ele-mesmo, Álvaro de Campos, Alberto Caeiro, Bernardo Soares, Ricardo Reis e outros, o Fernando Pessoa do Almada, do Costa Pinheiro, tantos... José Saramago é agora, neste belo livro, o Ricardo Reis (“e quantos inúmeros em mim vivem, eu sou qual, quem?”), já foi o António das

Mortes, a Blimunda, o Sete-Sóis e o sujeito do *Manual de Pintura e Caligrafia*” .»

José Saramago também refletiu sobre essa famosa frase de Flaubert («*Madame Bovary c'est moi*»). No discurso de recepção do título Honoris Causa pela faculdade de Sevilha disse: «Flaubert foi também o marido e o amante de Emma, foi a casa e a rua, foi a cidade e todos os que nela viviam [...] E se me permite, nesta ocasião, a presunção de citar a mim mesmo, direi também que sou Blimunda e o Baltasar do *Memorial* e que no *Evangelho* que acabo de publicar não me limito a ser Jesus e Maria Madalena, ou José e Maria, porque sou o Deus e o Diabo que lá estão.»

Ao recuperar as palavras de José Saramago ditas em 1991 percebemos que o seu desafio, ao escrever esse romance que já é um clássico da literatura lusófona, foi ainda maior. Além de se meter na pele de Ricardo Reis para dialogar com Fernando Pessoa, o escritor transformou-se numa cidade. Nesse mundo construído em algumas centenas de páginas, José Saramago foi a chuva que não dá trégua, as estreitas e inclinadas ruas, as praças, os cemitérios, os teatros e os miradouros de Lisboa, e cada um dos seus moradores. E foi, também, o tempo contido em cada mês daquele ano, o da morte de Ricardo Reis.

Blimunda 52  
setembro 2016

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago  
[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10  
1100-135 Lisboa - Portugal

[blimunda@josesaramago.org](mailto:blimunda@josesaramago.org)

[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)

N.º registo na ERC 126 238

Os textos assinados  
são da responsabilidade  
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação

podem ser reproduzidos

ao abrigo da Licença

Creative Commons

Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: ( 351) 218 802 040

[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)

[info.pt@josesaramago.org](mailto:info.pt@josesaramago.org)

**COMO CHEGAR GETTING HERE**

**Metro Subway**

**Terreiro do Paço**

**(Linha azul Blue Line)**

**Autocarros Buses**

**25E, 206, 210, 711, 728, 735,  
746, 759, 774, 781, 782, 783, 794**

**Segunda a Sábado**

**Monday to Saturday**

**10 às 18h / 10 am to 6 pm**

# FUNDAÇÃO JOSÉ SARÁMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS

GONÇALO VIANA

## **CALIBAN I: O GOLPE**

Uma nova revista acaba de surgir no éter da internet. *Caliban*, que é nome de personagem shakespeariana, de herói da Marvel ou de banda de metal, é também o título deste espaço dedicado às artes, à cultura e às ideias. Entre os muitos textos publicados, leia-se a crônica de Rubens R. R. Casara sobre o afastamento de Dilma Rousseff da presidência do Brasil, para a qual foi eleita:

«Golpe, por definição, é um estratagema, um ardil, uma manobra ilegítima. A utilização da forma jurídica “impeachment” para derrubar um governante eleito sem que exista um fato concreto que encontre adequação típica entre os “crimes de responsabilidade” é um golpe, por mais que empresários, jornalistas e juristas de ocasião, que sempre aparecem em contextos golpistas, busquem justificar aos olhos de uma população desinformada a ruptura com as regras do jogo democrático.» Mais adiante, explicam-se os contornos escorregadios do processo: «No caso de Dilma Rousseff, a má-gestão e a corrupção costumam ser apontadas pela população brasileira, em especial entre aqueles que utilizam os meios de comunicação como prótese do pensamento, como as principais causas do desejo de sua queda. Porém, esses não foram os fatos “criminosos” atribuídos a ela no processo de impeachment. Não há um único caso concreto de corrupção atribuído



à presidente. Ao contrário, o governo Dilma é reconhecido como um dos poucos na história do Brasil em que as instituições do sistema de justiça criminal tiveram plena liberdade para investigar e punir crimes de corrupção. Não obstante, a “sensação” de corrupção do governo, produzida pelos meios de comunicação de massa que no Brasil são controlados por poucas famílias, era elevada. O capítulo midiático do golpe não é pequeno. (...) O pedido de impeachment de Dilma Rousseff teve dois fundamentos: as chamadas “pedaladas fiscais” e a abertura de créditos suplementares sem autorização legislativa. Nos dois casos, o que existe são manobras fiscais que não violam os bens jurídicos protegidos pelas normas penais que tratam dos crimes de responsabilidade. As “pedaladas fiscais”, por exemplo, não passaram do atraso nos repasses de recursos do Tesouro Nacional, isso para permitir que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal pagassem os benefícios sociais devidos pelo Estado, tais como o Bolsa Família, o seguro de desemprego, etc. Como as instituições financeiras pagam em dia os benefícios, o atraso no repasse dos recursos públicos gera contratualmente o pagamento de juros pelo governo aos bancos públicos, o que ajuda a dar uma aparência de equilíbrio às contas públicas. Por sua vez, os créditos suplementares, que visam aumentar as dotações orçamentárias destinadas a determinadas despesas em face da insuficiência dos valores que foram originalmente previstos, são um procedimento corriqueiro

na Administração Pública brasileira e foram adotados não só pelo Governo Dilma (após a queda de Dilma, o mesmo Congresso que afastou a presidente regulamentou os créditos suplementares).»



### **CALIBAN II: ALFACE**

Escolhemos um segundo texto da revista *Caliban*, confirmando que há muito para ler nas páginas virtuais desta nova publicação. Teresa Carvalho escreve sobre Alface, autor pouco badalado nos espaços mediáticos da literatura portuguesa e ainda assim nome sem o qual é difícil olhar de frente as décadas finais do século XX e o início deste novo milénio. «Não era o olhar do público — a que parecia subtrair-se — ou os aplausos que seguravam o trapezista. Muito menos a dinâmica do cânone literário ou a do best-seller. Tudo ocorria, nesse espaço de risco e de liberdade que era a página em branco (onde a vida reverbera pelo desafio), entre ele e a corda do balaço onde oscilava. O destinatário primeiro da criação literária era o próprio criador; a única competição era a dele consigo mesmo. A literatura assumia-se talvez como o valor mais alto a que com a maior facilidade Alface prestava vassalagem.»



### **RESGATAR HUMBOLDT**

Tem o seu nome inscrito em serras, glaciares, correntes marítimas e cordilheiras, e talvez tenha sido a inspiração para o *Fausto* de Goethe, mas a história de Alexander von Humboldt parece perdida num conjunto de factos soltos e anedotas biográficas. Para contrariar esse desconhecimento relativo a um dos mais importantes cientistas e naturalistas do seu tempo, Andrea Wulf escreveu um livro sobre o investigador e o suplemento *Babelia*, do *El País*, dedica-lhe um dossier que ajuda a trazer novamente a sua vida e a sua obra para o lugar de destaque que se exige. Num texto assinado por Javier Sampedro explica-se a importância do gesto: «Esa es la injusticia que intenta reparar Andrea Wulf, escritora y profesora en el Royal College of Art londinense, con su obra monumental La invención de la naturaleza. El nuevo mundo de Alexander von Humboldt, que llega a las librerías el jueves. El libro asombra por dos razones. La primera es su exhaustiva investigación sobre el autor, que no solo la ha llevado a rebuscar por bibliotecas y archivos de medio mundo, sino también a seguir los pasos del naturalista alemán, a revivir en primera persona sus andanzas, escaladas y aventuras de descubrimiento. Y la segunda es que, tal vez como consecuencia de lo anterior, la autora ha compuesto una narración admirable, tan preñada de entendimiento como de información novedosa, tan plena de emoción vital como de conocimiento profundo. La intención de Wulf

era revivir a Humboldt, y lo mejor que se puede decir de su libro es que lo ha conseguido.»

Num outro texto do dossier, este assinado por Jorge Wagensberg, fala-se sobre a importância das viagens na criação do conhecimento, não apenas pelo registo geográfico, associado ao das espécies animais, vegetais e minerais, mas igualmente pelas ligações que esses registos e as observações feitas por cada viajante vão criar na afirmação de outras descobertas, intelectuais ou físicas, e no desenvolvimento do conhecimento em geral. No texto, há uma nota de destaque para o naturalista português do século XVIII, Alexandre Rodrigues Ferreira, que antecedeu Humboldt nas grandes viagens de exploração natural, acabando por ficar conhecido como «o Humboldt português»:

«Hace un par de años pude admirar, en la universidad de Coimbra, lo que queda del botín científico de las expediciones de Ferreira, en particular una maravillosa colección de peces amazónicos conservados con la técnica de los herbolarios, pero con una capa de oro que confiere una belleza conmovedora y una espléndida conversación. ¿Dónde está el resto? En Paris. ¿Qué hace la colección de Ferreira en Paris? Pues se la llevaron los soldados de Napoleón a punta de bayoneta. Sabían muy bien el valor de lo que se estaban llevando. Es un caso de botín científico convertido en botín de guerra. No tenemos evidencia de que Humboldt

se viera motivado por Ferreira pero a Ferreira se le conoce como el Humboldt portugués. Yo creo que los genes de los navegantes portugueses encontraron la manera de trascender en el talante y el talento de Humboldt. El intrépido e inagotable viajero murió solo siete meses antes de que Darwin publicara *El Origen de las Especies*. Fue una pena porque fue su larga e intensa vida la que incendió la ambición científica del joven Darwin. Fue una gran pena porque basta leer a Humboldt para hacerse una idea de cómo éste hubiera aplaudido las nuevas ideas. La influencia de Humboldt en la historia de la ciencia y de las artes es monumental.»



## MEMÓRIA TELEVISIVA

O *Público* tem dedicado um espaço nas suas páginas às séries de televisão que marcaram o público, instalando-se na sua memória, e *Verano Azul* teria de ser um dos destaques. Quem cresceu em Portugal (ou Espanha) nos anos 80 do século passado sabe bem da importância daquelas férias televisivas, da liberdade com que um grupo de amigos deambulava pelos caminhos da praia e em redor, de Chanquete e da sua

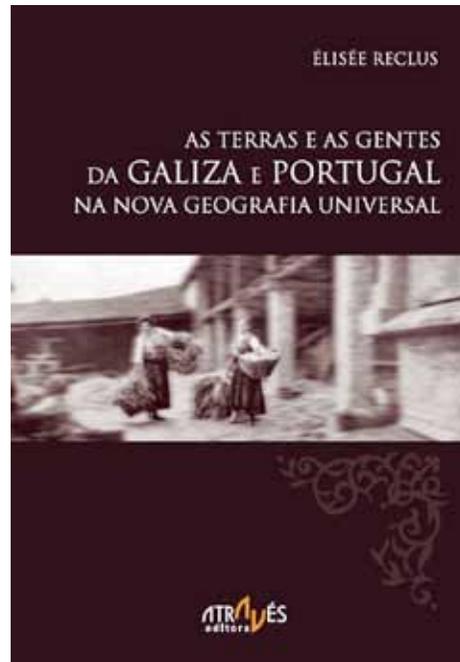
morte impossível de aceitar. Luís Octávio Costa explica tudo isso numa prosa que dá vontade de guardar para ir relendo, à medida que os anos nos afastam das águas azuis de Nerja sem que verdadeiramente nos esqueçamos que é aí que queremos, um dia, regressar. «Nunca tinha estado em Nerja, mas já tinha estado em Nerja. Enquanto olhava para o mar — e para aquela rocha alta e imponente como um palco —, tive a estranha sensação de estar a ser observado por memórias do passado. Nunca tinha estado em Nerja, mas já tinha passado férias em Nerja, tinha amigos em Nerja (que queria muito rever), tinha aprendido a ser aventureiro e desobediente em Nerja, tinha cantado e chorado em Nerja.»

As bibliotecas estarão cheias de volumes preciosos para a manutenção da nossa memória colectiva e nem por isso os revisitamos tantas vezes quantas devíamos. O volume de Élisée Reclus que a editora galega Através agora publica é, por isso, um gesto muito relevante nesse regresso à velha bibliografia que teimamos em esquecer ou, pior, desconhecer. Nascido em 1830, em França, Reclus foi um intelectual que devotou o seu trabalho à geografia, sempre numa perspectiva marcada pela relação desta com o ser humano. Foi, igualmente, um dos pensadores do anarquismo, tendo discutido ideias com gente como Marx ou Bakunine e assumindo uma participação muito activa na Comuna de Paris, tão activa que acabou preso, em 1871. Ao longo de dezoito anos, entre 1876 e 1894, dedicou-se ao trabalho que lhe permitiu escrever os dezanove volumes da *Nouvelle Géographie Universelle*, obra essencial da geografia do século XIX onde a importância do ser humano na relação com o espaço e os recursos era, já, muito notória.

Os textos que compõem este volume agora publicado em português são retirados dessa obra monumental, isolando a matéria dedicada a Portugal e à Galiza. Se a introdução de Eliseo Fernández é muito clara no traçar de um perfil do autor e na apresentação da sua obra, a nota dos editores é cristalina relativamente à vontade de apresentar estas duas unidades geográficas como parte de um *continuum* comum, quer do ponto de vista dos elementos naturais quer, sobretudo, do ponto de vista humano. Ficam,

**As Terras e as Gentes  
da Galiza e Portugal na Nova  
Geografia Universal  
Élisée Reclus  
Através Editora**

**UM LIBERTÁRIO À DESCOBERTA  
DO NOROESTE**



por isso, de fora os textos relativos à Madeira e aos Açores, justificando-se a decisão com este critério geográfico – justificação difícil de aceitar, na medida em que ambos os arquipélagos

integram Portugal. É certo que Reclus os integrou num outro capítulo, dedicado aos arquipélagos atlânticos, mas Portugal e a Galiza também não surgem no mesmo capítulo, e nem por isso deixaram de se juntar neste volume de textos escolhidos.

As descrições de Reclus são formais e é quase certo que um leitor actual as sentirá como datadas, mas as informações que fornecem sobre os territórios descritos, sobretudo sobre o modo como estes são habitados, é duplamente interessante. Por um lado, acedemos ao olhar de um observador atento numa altura em que Portugal (Madeira e Açores incluídos) não chegava a ter 4,5 milhões de habitantes, em que a agricultura predominava como actividade de sustento e em que as vias de comunicação eram diminutas. Por outro, percebemos que esse olhar não é isento de filtros inesperados, generalizando descrições dos galegos que emigram como «muito ávidos de lucro» ou dos portugueses como pertencentes a uma «raça» que não é bonita. Lido à distância de mais de um século, tudo isto soa incómodo e pouco em harmonia com a ideia de um libertário que se dedica a observar o mundo, mas também por isso este livrinho merece leitura atenta. Por vezes, as descrições académicas dizem mais sobre o modo de descrever de uma época do que sobre aquilo que descrevem; no caso de Élisée Reclus, ambas as leituras se encontram e o resultado é proveitoso, mesmo quando contraditório e datado, para quem o leia no século XXI.

C E S  R E A

UM OLHAR SUI GENERIS  
E CHEIO DE HUMOR PARA O UNIVERSO  
PARALELO DOS RESTAURANTES.  
VOCÊ PRECISA CONHECER APICIUS.



CESAREA.COM.BR

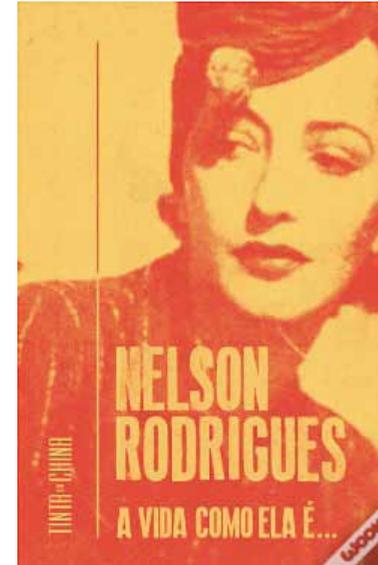


## ***El tríptico de los encantados (una pantomima bosquiana)***

Max

Museo del Prado

A propósito na celebração do quinto centenário de Hieronymus Bosch, El Bosco, o Museu do Prado edita pela primeira vez um livro de banda desenhada. O autor é Max e o livro coloca em cena vários personagens que reconhecemos dos quadros do pintor, dando-lhes a voz e o movimento que a pintura não permite, sempre com o humor e algum sarcasmo a pontuarem a narrativa.



## ***A Vida Como Ela É***

Nelson Rodrigues

Tinta da China

Recompensando muitos anos de espera, a obra de Nelson Rodrigues está finalmente a chegar a Portugal, pela mão da Tinta da China. Neste volume, publicado ao mesmo tempo que a coleção de crónicas *O Homem Fatal*, reúnem-se os contos que o autor publicou ao longo de uma década na coluna homónima que mantinha no jornal brasileiro *Última Hora*.



### ***70 Historinhas***

Carlos Drummond de Andrade  
Companhia das Letras

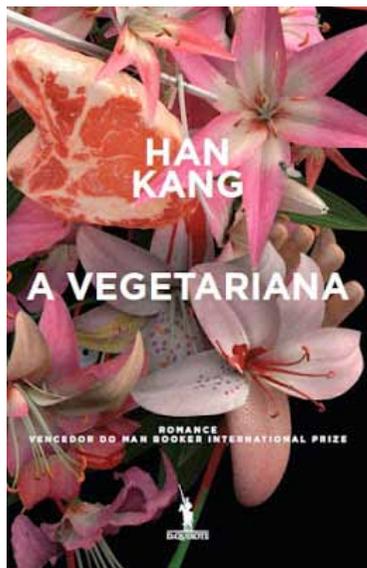
Originalmente publicado em 1978, o volume que agora regressa às livrarias brasileiras reúne contos e crônicas de um dos mais brilhantes autores em ambos os gêneros. Ao enorme poder de observação, que não deixa escapar detalhes aparentemente sem importância, Drummond junta o humor inteligente, a ironia fina e uma certa queda para o lirismo que se ergue, sólido, sem temer o riso ou o escárnio.



### ***Ronda das Mil Belas em Frol***

Mário de Carvalho  
Porto Editora

Novo livro de Mário de Carvalho, desta vez num registo pouco habitual na obra do autor. Treze contos dedicam-se às relações entre homens e mulheres no espaço da intimidade, explorando o erotismo, o galanteio e o sexo com requintes de linguagem culta e modos prosaicos de avançar (e, por vezes, ser derrotado) nas pequenas conquistas que marcam o quotidiano agitado do narrador (que pode ser um, apenas, ou vários).



## *A Vegetariana*

Han Kang  
Dom Quixote

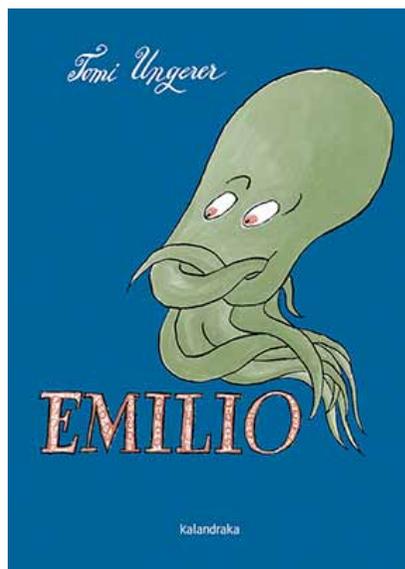
Distinguido na mais recente edição do Man Booker Prize, o romance da autora sul-coreana Han Kang acompanha a história de uma mulher que decide deixar de comer carne, deixando igualmente de a cozinhar e procurando, com o avançar da narrativa, tornar-se um ser mais próximo do reino vegetal. A metáfora não tem tanto que ver com opções alimentares, mas antes com as regras de uma estrutura social onde o domínio masculino e as aparências permitem poucas fugas e menos liberdades.



## *Imagem*

Arnaldo Antunes  
Yara Kono  
Planeta Tangerina

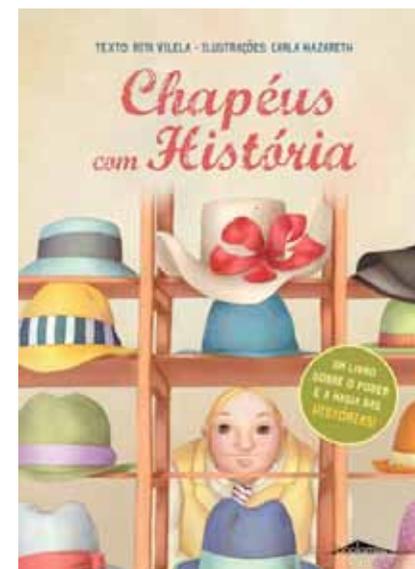
Neste álbum, a ilustradora acrescenta ao poema do músico e escritor brasileiro a experiência que o seu texto propõe. Partindo de um jogo retórico entre a multiplicação semântica do ato de ver e o objeto da visualização, criam-se perspectivas novas, de repetição e diferença, mudança de ângulo ou complementaridade. Aqui vê-se uma cena, avista-se um vulto e fita-se uma imagem numa geometria que por si só representa já a imagem como composição.



### *Emílio*

Tomi Ungerer  
Kalandraka

A Kalandraka continua a editar a obra deste autor de referência. Desta feita, Ungerer escolhe um polvo para herói, depois da serpente *Crictor*. Não terá direito a estátua mas a nome de barco. A sua morfologia ajuda-o a ajudar. No final, a moral: a amizade mantém-se respeitando-se as diferenças. Na mesma linha de *Crictor* e *Adelaide*, a ilustração segue o contorno a preto e alguns apontamentos de cor, poucos, associando a subtilidade estética ao depuramento textual.



### *Chapéus com História*

Rita Vilela  
Carla Nazareth  
Booksmile

Respeitando uma estrutura encaixada, este livro apresenta um conjunto de contos com chapéus como personagens principais a propósito de uma narrativa de enquadramento que dá o mote para cada um: um chapeleiro descobre que a melhor maneira de vender os seus produtos é justamente dar-lhes uma vida, através de uma história inventada. O estilo clássico e depurado do traço e a paleta de cores ajudam o leitor a viajar para um outro tempo e outro espaço.

SARA  
FIGUEIREDO  
COSTA

ANDREIA  
BRITES

**BEYOND CONCRETE.**

**WWW.MARTMAGAZINE.NET**

**mART: MACAU AND LISBON  
ON THE SAME PAGE**

**mART**

**quarto**  
**room**  
**sonhatório**  
**multimedia**  
**biblioteca**  
**library**  
**restaurante**  
**restaurant**  
**loja shop**



**CASA FERNANDO PESSOA**  
[www.casafernandopessoa.pt](http://www.casafernandopessoa.pt)



**10h00-18h00**

Última entrada

Last admission

17h30

**Encerrado | Closed**

Domingos | Sundays

1.01 / 1.05 / 25.12



Rua Coelho  
da Rocha,  
16

Campo de  
Ourique,  
Lisboa



21 391 3270



10h - 23h

**Encerrado | Closed**

Domingo | Sunday



25 | 28 5min



Rato 15min



709 | 720 | 738 5min



**EGEAC**

# FESTIVAL DO

# AVANÇO

40 ANOS  
E MUITO  
MAIS DO QUE  
POLÍTICA

TEXTO E  
FOTOGRAFIAS  
SARA  
FIGUEIREDO  
COSTA

## FESTA DO AVANTE!

**P**rimейro fim de semana de Setembro, Atalaia, Amora, Seixal. Dez minutos antes de se abrirem as portas da Quinta da Atalaia, a fila estende-se ao longo da rua. Há gente de todas as idades e muitas bandeiras, quase todas do Partido Comunista Português, uma ou outra de Cuba. Os primeiros visitantes não querem perder o momento da abertura oficial da Festa, onde Jerónimo de Sousa há-de discursar, mas muitos outros entram no recinto e dirigem-se sem hesitar para um dos muitos espaços à disposição dos visitantes. Há quem comece as compras na zona de bazar logo à entrada, quem se instale na Cidade Internacional e quem desça para mais perto do Palco 25 de Abril. Por todo o lado, murais efémeros dedicados a lutas várias, imagens de gente que lutou por direitos em diferentes momentos da História, frases e palavras de ordem. Como nos explicarão vários militantes do PCP, entre eles Margarida Botelho, uma das responsáveis pela coordenação da Festa do *Avante!*, tudo que aqui se vê é construído com o trabalho de quem se voluntaria para o fazer nos meses que antecedem este primeiro fim de semana de Setembro. «Há pessoas que trabalham oito horas, cinco dias por semana, na sua profissão e depois vêm aqui ao fim da tarde continuar a sua profissão de forma militante. Há aqui um lado de o trabalho poder ser emancipador, e isso é algo importante para um partido de trabalhadores, porque nos sentimos valorizados ao construir isto todos os anos. E, claro, temos muito orgulho na nossa festa, e acho que é justificado.» Entre militantes e simpatizantes do PCP, terão passado pelas jornadas de implantação da Festa do *Avante!* cerca de duas mil pessoas, das que ajudam a erguer tubos e estruturas de ferro às que pintam murais, das que organizam o espaço às que



R. BRAGA

PORTUGAL

port

## FESTA DO AVANTE!

transportam alimentos, livros, equipamento desportivo, o que for preciso. Há arquitectos, canalizadores, engenheiros, pintores, pedreiros, mas também cozinheiros, artistas, professores e outros profissionais que não vêm necessariamente fazer aquilo que fazem no dia a dia. De certo modo, e como resume Margarida Botelho, «há esse lado de mostrar o que se pode fazer com determinação, com valorização do trabalho, determinação de objectivos, trabalho colectivo».

A

Festa do *Avante!* começou em 1976 no espaço da antiga FIL, em Lisboa. Mudou-se depois para o Jamor e ainda andou pelo Alto da Ajuda, Monsanto e Loures. É em 1990 que se instala na Quinta da Atalaia, comprada pelo PCP depois de uma angariação de fundos. Este ano, um novo espaço ampliou a festa em 6 hectares, ficando a totalidade do espaço espalhada por 28 hectares. A compra da Quinta do Cabo, anexa à Atalaia, resultou igualmente de uma angariação de verbas e permitiu que se respirasse melhor nos vários espaços da festa, ultimamente sobrelotados em alguns momentos.

«Pensamos sempre na festa a longo prazo e já houve, por diversas vezes, momentos em que havia muita gente no espaço, portanto havia necessidade de crescer. Por outro lado, queremos que a festa seja maior, que possa vir mais gente e que tudo seja confortável», diz Margarida Botelho. «Foi preciso construir tudo de raiz, da água ao saneamento, do nivelamento do terreno à electricidade. Plantámos e transplantámos uma série de árvores. Este ano, é uma experiência, mas o novo espaço permite-nos uma série de coisas, como ter o Avanteatro num sítio mais tranquilo,

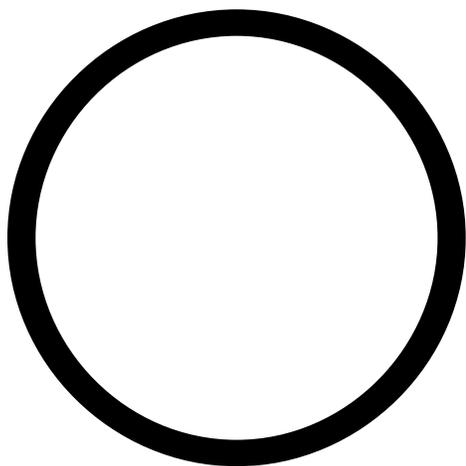
## FESTA DO AVANTE!

o que é melhor para os espectadores, ou ter o Palco Arraial com mais espaço para público. Em geral, diria que ficamos com uma respiração melhor dos vários espaços da festa, criando uma centralidade maior para espaços como a festa do livro e do disco ou o pavilhão da ciência.»

**E**sta é uma festa partidária e não há nenhuma tentativa para esconder tal facto. O Partido Comunista Português organiza-a há 40 anos e não há material de divulgação que procure ludibriar os potenciais interessados sobre este facto. O que acontece é uma curiosa mistura de motivos que levam milhares de pessoas à Quinta da Atalaia, no Seixal. Quantos milhares? Não sabemos. À data do fecho desta edição, o gabinete de imprensa do PCP informou que ainda não tinha apurado o número de visitantes deste ano e, quanto ao ano passado, a informação pedida também não foi prestada. Há muitos militantes do PCP, claro, vindos de todas as regiões do país, há não filiados, há gente de esquerda que milita ou vota noutros partidos e que nem por isso falha o primeiro fim de semana de Setembro na Margem Sul. Também há muita gente que não está interessada em política, mas que ruma à Atalaia pela música, pelo convívio, pela festa. Entre uma cerveja e um falafel comprado na banca da Palestina, no Espaço Internacional, João Carlos, de dezanove anos, explica à *Blimunda* que compra a sua Entrada Permanente (assim se chama o bilhete que dá acesso ao recinto) desde os dezasseis anos e que aqui se encontra com amigos para celebrar o fim do Verão: «Depois disto acabam as férias, começam as aulas, muda tudo. É o fim de semana que fecha as férias.» E a política: «Até concordo com algumas

## FESTA DO AVANTE!

coisas que o PCP defende, mas não com todas. O que me faz vir aqui é mesmo a música e o companheirismo.» E os Xutos e Pontapés, presença habitual na Festa, hão-de ser uma das bandas a não falhar, para João Carlos e para todas as pessoas com quem a *Blimunda* falou sobre música e concertos no Avante. Pardal Marujo, um dos visitantes da festa, conhece o Avante de outras paragens: «Venho à Festa desde o tempo do Jamor e para mim tem sido sempre espectacular. É um local com muita gente, já sabemos que há filas para tudo, mas esse é o único problema. De resto, encontram-se muitos amigos, fazem-se outros e é muito agradável. Aqui, gosto de ver tudo. Hoje não vou falhar os Xutos e Pontapés, que são da minha idade.»



programa musical é uma das atracções fortes. O palco 25 de Abril e o Auditório 1.º de Maio concentram a programação mais consensual, o primeiro assumindo-se como palco principal, num enorme espaço ao ar livre que recebe os grandes concertos e o comício político de domingo, o segundo funcionando como extensão, numa tenda com capacidade para algumas centenas de ouvintes. Pelas tábuas destes dois palcos passaram, entre 2 e 4 de Setembro, Sérgio Godinho & Jorge Palma, Cristina Branco, Jafumega, Aldina Duarte, Diabo na Cruz, Carlão. Na sexta-feira, como vem sendo habitual de há uns anos para cá, um concerto sinfónico abriu o Palco 25 de Abril, com a Orquestra Sinfonietta de Lisboa e o Coro Cantat celebrando os 40 anos da Festa do *Avante!*. «É um lado de democratização da cultura que procuramos trazer à Festa. E tem sido



## FESTA DO AVANTE!

muito bonito ver uma série de pessoas a assistir a esses concertos de sexta-feira, muitas delas pouco familiarizadas com esse tipo de música, e a gostarem do que ouvem», diz Margarida Botelho. E ainda que os saudosos da edição em que Chico Buarque, Edu Lobo, Simone e MPB-4 vieram ao Avante – corria o ano de 1980 e a Festa ainda era no Alto da Ajuda – possam sentir-se nostálgicos, a programação internacional continua a trazer músicos que juntam multidões: este ano, os mexicanos Los de Abajo tiveram direito a um público sempre a dançar e o brasileiro Criolo foi responsável por um dos grandes concertos da festa, percorrendo o seu repertório e abordando a situação no Brasil, sempre acompanhado de alguns gritos de «fora Temer» vindos da assistência. Como explica Margarida Botelho, «o que preside à escolha das bandas é a qualidade musical, tentando misturar nomes muito consagrados com nomes menos conhecidos. Também procuramos ter algumas bandas internacionais, procurando sempre valorizar muito a música e a cultura portuguesa.»

**F**ora dos dois palcos mais concorridos, há outros espaços onde ouvir música ao vivo. Pelo Palco Arraial passaram, nos três dias da festa, cerca de duas dezenas de grupos, entre ranchos folclóricos, cantadeiras, pequenas orquestras, corais e projectos que partem da música de raiz tradicional portuguesa para outros territórios, mais ou menos experimentais. Alguns dos espaços coordenados pelas organizações do PCP nas diferentes regiões do país têm, igualmente, o seu próprio palco. Lisboa, Setúbal e, claro, o Alentejo, apresentaram programação própria – e não apenas musical –, reunindo público previamente informado com passantes que, de surpresa, escutaram as cordas das

## FESTA DO AVANTE!

guitarras do Pinhal Novo ou a voz funda do Cante e acabaram por mudar de direcção, deixando-se ficar a ouvir. Já no Palco Solidariedade, instalado no Espaço Internacional, houve de tudo um pouco, das inevitáveis bandas de covers ao repertório tradicional português, passando pela surpresa de ter os velhinhos Peste & Sida (que já tinham estado no Palco 25 de Abril) ao lado dos Ferro Gaita.

**S**e há palco que arrisca passar despercebido à maioria dos visitantes, e que merece uma visita por parte de quem quer descobrir o que pode vir a dar que falar na música portuguesa, é o Novos Valores. Instalado num dos cantos da Quinta da Atalaia, num espaço chamado Cidade da Juventude que é responsabilidade da Juventude Comunista Portuguesa, este palco oferece uma viagem pelo que se anda a fazer um pouco por todo o país nas garagens e armazéns aparentemente sem préstimo onde continuam a ligar-se os amplificadores. Francisco Dias Ferreira, da JCP, explicou à *Blimunda* como se prepara a programação deste palco: «O bruto das bandas que vem ao Palco Novos Valores são bandas que venceram um concurso que fazemos a nível nacional, com muitas dezenas de eliminatórias, muitas pessoas a assistir e presenças em vários sítios do país. Os vencedores das regiões vêm tocar a este palco, que é uma oportunidade que queremos dar a essas bandas de mostrarem o seu trabalho. São bandas recentes, sem um nome assente, e têm aqui esta oportunidade.» É difícil prever quantas destas bandas continuarão a tocar e quantas conseguirão tornar-se conhecidas, encontrar um público, gravar discos e dar concertos. «A verdade é que são muitas as bandas que passam por aqui e algumas saltam para palcos maiores.

## FESTA DO AVANTE!

Ontem estivemos a ouvir o Carlão a cantar no Palco 25 de Abril e há uns anos, quando ele tinha os Da Weasel, passou por este palco depois do concurso de bandas. O mesmo aconteceu com os Linda Martini, por exemplo. Para além destas bandas, há sempre um conjunto de convidados que nós escolhemos.» Na era da internet, e das gravações feitas em casa, ainda é importante haver concursos de música para que as bandas se mostrem? Francisco Dias Ferreira acha que sim. «Obviamente que hoje há uma série de ferramentas aos dispor das bandas para se mostrarem, mas ao mesmo tempo o mercado acaba por estar mais saturado e a informação mais dispersa. Mesmo na internet, há sempre filtragem. Esta forma de mostrar o trabalho é mais directa. E é preciso ver que há bandas que não têm dinheiro para gravar num estúdio, que é muito caro, não estando acessível à maior parte da população. Esta é uma forma de darmos um empurrãozinho e de permitirmos que a cultura, sobretudo a que é feita pelos jovens, chegue mais longe.»

U

ns metros ao lado do Novos Valores, um palco mais pequeno estremecia com o arroubo de uma banda que misturava cordas, metais e vozes à desgarrada, como se a pandilha de Kusturica sempre tivesse vivido em Portugal. Dezenas de pessoas acompanhavam a banda enquanto o responsável da JCP subia a voz para se sobrepor ao som das colunas, explicando-nos que este era o Palco AGIT: «É um segundo palco e funciona de modo diferente. Tem alguns momentos musicais, mas também debates e outras actividades. Já agora, ontem houve aqui um debate sobre a cultura e a música, a propósito de uma

# MATRAQUILHÓDROMO



ES

## FESTA DO AVANTE!

petição que a JCP lançou em defesa da redução do IVA dos instrumentos musicais, porque neste momento estão taxados a 23% e defendemos que tenham a taxa mínima, de 6%. Tivemos aqui uma série de gente, entre ela muitos músicos, alguns muito jovens e sem condições para pagarem os seus próprios instrumentos. Já temos muitas assinaturas e entregaremos a petição na Assembleia da República e no Parlamento Europeu, para tentarmos que seja colocada à votação. Para além do desinvestimento generalizado na cultura, esta questão de taxar como bem de luxo um instrumento musical parece-nos muito relevante.»

**J**á antes da aquisição da Quinta do Cabo, o espaço da Festa do *Avante!* era suficientemente grande para que aqui se pudessem passar três dias sem repetir actividades. Mesmo deixando de lado os concertos, é possível ver, conhecer, experimentar e aprender uma série de coisas que não costumam andar lado a lado. Às onze da manhã de sábado, o espaço dedicado ao desporto está ocupado pelo jogo da malha e pelo encontro de andebol em cadeira de rodas promovido pela Associação Portuguesa de Deficientes. Mais abaixo, já nos hectares do novo espaço, o Espaço Central acolhe exposições de artes plásticas, entre gravuras de vários autores e desenhos de Francisco da Silva Dias, políticas, com uma série de imagens e textos que refletem sobre a precariedade, e de arte popular, reservando uma parede para mostrar as máscaras de várias festas tradicionais, em colaboração com a Academia Ibérica da Máscara. Pelo caminho, passa-se pelo Espaço Criança, onde já toda a gente ouviu pelo menos cinco vezes uma qualquer piada sobre

## FESTA DO AVANTE!

os hábitos alimentares dos comunistas, particularmente ao pequeno almoço e onde miúdos de várias idades saltam, pintam, fazem barro e sujam as mãos sem nenhuma inquietação de consciência sobre qual será o sentido do seu voto quando chegarem aos 18. Em todos os espaços regionais, há artesanato, dos barros de Barcelos à tapeçaria de Portalegre, da louça de Bisalhães aos brinquinhos da Madeira. O Avanteatro, o espaço dedicado à ciência, a festa do disco ou a novíssima roda gigante, sempre cheia de crianças que tentam convencer os progenitores da importância de uma viagem nas alturas, têm uma particularidade a uni-los: qualquer que seja o dia e a hora, estão sempre cheios ou, pelo menos, bem compostos em termos de assistência. Quem se fica pelos grandes concertos, talvez não dê por isso, mas há uma enorme oferta de outras coisas para ver e fazer na Atalaia, de tal modo que, mesmo sem concertos, podia ocupar-se um fim de semana inteiro. E entre tantas actividades, este ano atravessadas pelo calor intenso, há quem prefira dedicar umas horas a não fazer nada e se deixe simplesmente ficar à sombra, dormindo, ou refrescando-se junto à água do pequeno lago central ou de lagos mais portáteis e improvisados, como uma piscina de plástico.

Depois do almoço, Mário de Carvalho há-de conversar com Zeferino Coelho, seu editor de muitos anos na Caminho (antes da mudança do autor para a Porto Editora), no espaço da Festa do Livro, e em vários pequenos auditórios haverá debates sobre questões políticas como o controlo público da banca ou o trabalho da CDU nas autarquias. Também esses espaços terão gente, mesmo com a feroz concorrência do tal almoço. É que, se há coisa que pode fazer-se bem e variadamente na Festa do *Avante!*, é comer. Claro, quem quiser simplesmente encher o



★  
CP

AVANTE COM ABRIL!

ORGANIZAR LUTAR DANSE ENRIAR

Marshall

CW

Marshall

## FESTA DO AVANTE!

estômago como quem cumpre uma bula, tem a rapidez da *fast-food* à disposição nos espaços mais centrais, da Telepizza aos hambúrgueres descongelados, mas onde as coisas se tornam interessantes é nos espaços onde pode ser preciso esperar um pouco por elas. Em cada espaço gerido por uma das organizações regionais do PCP, a comida ocupa lugar de destaque, sendo muito mais do que uma forma de resolver o problema da alimentação na Atalaia. Em Setúbal há choco frito com o polme a estalar, no Alentejo há pão com o travo acre que só o bom pão alentejano tem, para além de migas, carne de porco e açordas. A vitela mirandesa justifica longas filas sempre que se aproxima a hora da refeição, acontecendo o mesmo com os mariscos do Algarve e de Sesimbra, os leitões da Bairrada, as tripas à moda do Porto, o polvo dos Açores. É no espaço dedicado a este arquipélago que encontramos Martinho Baptista, um alentejano que fez das ilhas açorianas a sua casa há muitos anos. «O que nós tentamos trazer para esta grande Festa que é uma expressão do país que temos, que reflecte a vivência do povo, das populações... Os Açores fazem parte, claro. O que temos como preocupação é trazer sempre o melhor do que se produz e das gentes e da cultura de lá, mesmo tendo em conta as nossas dificuldades, que são a distância, os transportes, os custos, mas aquilo que trazemos é genuíno e é de lá. As coisas vêm num contentor, por mar, e as que são mais perecíveis vêm de avião. E vêm perto da Festa, para não se estragarem. É uma grande logística e é um trabalho de meses, mas temos um empenhamento muito grande de camaradas e amigos que se envolvem na Festa e que têm gosto em estar aqui e ajudar a construir isto, sem qualquer tipo de ganho material. É tudo voluntário.» E o que se come nos Açores? «Temos queijos de várias ilhas, licores do Pico e de São Miguel,

## FESTA DO AVANTE!

vinhos do Pico, geleias, ananases, bolos lêvedos, a massa sovada. E trazemos a gastronomia, o polvo à açoriana e a morcela com ananás. E trazemos o caldo de peixe, que começa a ser muito famoso aqui na festa. É um caldo feito à moda dos Açores, concretamente do Pico, de onde é o nosso cozinheiro.» Horas mais tarde, com o jantar a aproximar-se, confirmamos as afirmações de Martinho Baptista, quando o ajuntamento que aguarda o polvo ou a morcela se faz notar a vários metros de distância.



uem preferir explorar gastronomias mais longínquas, tem o Espaço Internacional como campo de trabalho privilegiado. Arroz negro, com chocos e a respectiva tinta, no Partido Comunista da Catalunha, *pelmeni* com recheio de carne e molho de natas azedas na Associação lúri Gagárin (onde também se pode tirar uma fotografia em que a nossa cara surge no corpo do astronauta russo, perdão, soviético), caril de amendoim na FRELIMO ou um *falafel* que em nada se compara ao que podemos comer nas cadeias de *fast-food* na Organização de Libertação da Palestina. A Refundação Comunista, de Itália, tem pastas com vários recheios, entre elas o *spaghetti all'atriciana* que tem sido cozinhado em muitos restaurantes do mundo como forma de ajudar as vítimas do recente sismo em Itália. Do Brasil, o Partido Comunista e o Partido dos Trabalhadores trazem ambos feijoada (e caipirinha) sem que isso gere qualquer disputa ideológica. É na banca do PT que paramos para conhecer Alcione Scarpin, responsável pelo núcleo



## FESTA DO AVANTE!

de Lisboa do PT, procurando perceber a relação deste partido com o Partido Comunista Português. «A relação do PT com o PCP passa pela festa e também pela política social. Há uma grande troca de experiências e partilhas. Claro que também temos divergências, mas conseguimos conversar e o importante é haver diálogo.» Resposta semelhante será dada por outros participantes deste Espaço Internacional em conversas mais informais, o que permite perceber a presença de partidos e organização que não têm, ideologicamente, proximidade absoluta com o comunismo, mas que não deixam de estar presentes na Festa do *Avante!*, ano após ano, ao lado de outras organizações que, nos dias que correm, talvez só pudéssemos encontrar numa festa assumidamente comunista, como o Partido Comunista Chinês ou o MPLA, de Angola. À semelhança de quase todas as pessoas com quem nos cruzámos nestes três dias, Alcione Scarpin descreve a Festa do *Avante!* como um lugar especial: «Essa festa é muito antiga e nós já participamos pelo menos há 15 anos. Todos os anos vemos que continua a ter uma grande procura, uma grande participação das pessoas, porque essa é uma festa política, cultural, gastronómica e de lazer. Então, atende pessoas de todas as idades. Acho que não esqueceram de nada. Penso que não haverá nenhuma festa como esta, como diz o slogan, e é verdade. Uma vez, um camarada do PCP comentava que esta festa fecha o ciclo das festas de Verão; então, é como um marco, anunciando o início de um novo ano de trabalho, até chegar Agosto e recomeçarem as festas populares nas diferentes regiões do país. Eu penso que isso é muito verdadeiro, porque a população que vem à festa ultrapassa a questão política e partidária. As pessoas querem também conviver. Eu própria, enquanto coordenadora do núcleo do PT aqui, já participo da Festa há uns 8 anos. E são três dias em que as pessoas con-

## FESTA DO AVANTE!

vivem, partilham, se divertem. O facto de ser construída de forma voluntária também é um valor.»

**S**e há país cuja bandeira se repete em omnipresenças várias pelo espaço da Atalaia, esse país é Cuba. O peso que a ilha assume na história do comunismo e a sua ligação afectiva ao PCP explicarão o facto, mesmo que seja justo acrescentar que os *mojitos* e as *ubas libres* que se bebem no espaço cubano talvez sejam grande contributo para a causa. É aí que nos cruzamos com um par de bailarinos que dançam intensamente ao som de um grupo ritmado, esperando que a música acabe para conseguirmos falar com alguém do Partido Comunista Cubano. Quando as congas se silenciam, percebe-se que a metade feminina do par de bailarinos é a embaixadora de Cuba em Portugal, Johana Tablada de la Torre. E sem delongas diplomáticas ou impedimentos burocráticos, encostamo-nos ao balcão mais próximo para que a representante de Cuba em Portugal conte à *Blimunda* a sua experiência neste país: «Sou embaixadora em Portugal há três felizes anos, porque Portugal é um destino privilegiado, onde gosto muito de estar.» Na Festa do *Avante!*, tem sido visitante desde a primeira hora: «É a terceira vez que aqui venho e Cuba tem sempre presença nesta festa, porque há uma história partilhada de solidariedade entre os comunistas portugueses e os cubanos, e entre ambos os povos. Sinto-me em casa em Portugal, mas particularmente aqui, porque vêm sempre outros cubanos e podemos sentir a presença reforçada de Cuba, assinalando as nossa vitórias, os momentos de luta, os bons e os maus momentos, também.» Para lá das óbvias afinidades políticas, Cuba traz também para a festa comunista um pouco da sua cultura. «O *Avante!* tem a particularidade de

#PALCC



## FESTA DO AVANTE!

não ser apenas uma festa política, feita por pessoas que partilham ideais, mas também um espaço importante de cultura, onde há artes plásticas, gastronomia, artesanato, literatura... Ter aqui a nossa gastronomia, o artesanato, a música, é uma honra e uma forma de partilharmos aquilo que somos.» E a dança, é hábito antigo? «Danço desde que fui para uma escola que chamamos de Escola no Campo. Nessa altura, todos dançávamos depois das aulas e mesmo aqueles que, como eu, não tinham muita vocação para a dança, aprendíamos. E ainda bem.»

A

fila para os *mojitos* continua a crescer, mas já começa a ser hora de sair da festa. Depois do concerto dos Xutos e Pontapés e do fogo de artifício que encerra a Festa do *Avante!*, explode *A Carvalhesa* nas colunas do recinto e poucos são os que ficam parados. Logo a seguir, as mesmas colunas vão de-bitando uma gravação que anuncia que a festa chegou ao fim, pedindo aos visitantes para se retirarem. Há-de demorar um bom par de horas até que essa missão seja bem sucedida, mas a vitória há-de ser alcançada. A partir de amanhã, é tempo de desmontar pavilhões e limpar o recinto, trabalho novamente assegurado por vários militantes do PCP e alguns simpatizantes, já longe dos olhares de quem vai à Atalaia para três dias de festa.

FRERE TEATRO  
DOMINIQUE  
THEATRE AMUDAS  
TRES VIDAS

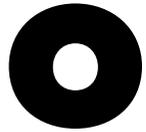
RICARDO  
VIEL



«**B**oa tarde, nós somos uma companhia de teatro de intervenção com base no campo de refugiados de Jenin, nos territórios ocupados da Palestina. Pedimos que usem a vossa imaginação para viajarem connosco à nossa terra, sem adereços ou cenário, num palco tão pequeno como a Palestina», diz Micaela Miranda ao público que naquele sábado de setembro estava no Teatro A Barraca, em Lisboa, para assistir ao *Regresso à Palestina*, peça teatral do The Freedom Theatre (TFT). A diretora da companhia deseja um bom espetáculo a todos e sai de cena. No palco permanecem seis atores, vestidos de negro, a equilibrarem-se sobre um tablado de não mais de dois metros quadrados. Durante cerca de 45 minutos os alunos do terceiro ano da Escola do TFT, com a ajuda de dois músicos, narram a história de um palestino criado nos Estados Unidos, que retorna à sua terra de origem. O espetáculo foi criada pelos próprios atores a partir de relatos que escutaram nas viagens que fizeram pela Palestina. Braços, mãos, pernas e troncos fazem as vezes de motas, portas de carro, metralhadoras, mesas, cadeiras, acentos de avião, pássaros e muitos outros seres e objetos para contar uma história local, sobre a dura realidade daquela região, mas que fala também de temas universais como a busca pela identidade, a amizade, a perda.

Desde o começo do mês de setembro e até dia 24, a companhia de teatro estará em Portugal, numa digressão que comemora os dez anos de existência do TFT. A viagem foi possível graças a pequenas ajudas, como o empréstimo de uma carrinha, alimentação e estadias garantidas por alguma empresa e entidade, e também pela ligação afetiva com o país. Em 2008, a portuguesa Micaela chegou a Jenin para fazer uma workshop sobre palhaços. Naquela altura o Freedom Theatre começava a amadurecer a ideia de criar uma escola de teatro para dar formação profissional a atores. Micaela foi convidada

para ser professora da Escola, e aceitou o desafio: «Como sou formada em teatro, e sou especializada em teatro físico, achei que com as minhas capacidades poderia ajudar.»



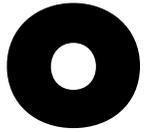
Freedom Theatre completa dez anos, mas as suas origens são bem anteriores. Nos anos 80, durante primeira Intifada, Arna Mer Khamis, judia casada com um palestino, deu início a um projeto que usava as artes para tentar curar os traumas que as crianças daquela região vivenciavam. A iniciativa, que envolvia mulheres palestinas, foi premiada em 1993 com o Right Livelihood Award, conhecido como o Prémio Nobel Alternativo. O dinheiro foi usado para a construção do Teatro Stone, espaço que servia como escola e que em 2002 foi destruído numa invasão israelense. A morte de Arna fez com que o projeto fosse definitivamente encerrado, até que Juliano Mer Khamis, seu filho, o retomasse ao ver nas notícias que um dos alunos do teatro tinha feito uma operação suicida. Decidiu que era preciso fazer algo para dar uma alternativa de futuro aos jovens daquela zona. Com a ajuda de amigos, em 2006 o ativista cria o Freedom Theatre. Além da formação de atores, o projeto envolve oficinas de fotografias, escrita criativa e a produção de uma revista. Em 2011, Juliano foi assassinado diante do edifício do TFT, numa morte até hoje não esclarecida. Foi um choque enorme, conta Nabil Alraee, diretor artístico do TFT e encarregado de comandar o grupo após a morte do colega. «Se naquela época pensámos em desistir? Sim. Até hoje às vezes pensamos, somos humanos. A primeira questão foi: devemos parar, continuar, o que devemos fazer? A resposta estava lá, se nós deixarmos o trabalho Juliano morreu para nada. Agora acreditamos que a ideia é maior do que o indivíduo, é muito mais importante».

Resistance  
through

ART

Freedom  
Theatre  
Jesús





objetivo da companhia é formar atores, mas também seres humanos, explica Nabil. «Acreditamos que você tem que ser um ator humanista. Se se alteram factos e histórias só por dinheiro, não penso que seja um artista. Se é um artista e não se importa com os demais, então não é esse o tipo de artista que queremos formar. Primeiramente, nosso interesse é formar pessoas». O diretor do TFT apostam que a mudança do indivíduo tem um efeito cascata, que impacta num grupo e, em seguida, na sociedade. «O teatro muda vidas e é também uma maneira de vida, uma maneira de criar vida. Não é só uma ferramenta, é uma maneira de encontrar uma vida», defende Nabil, que entende o teatro também como uma maneira de criar uma massa crítica. «Nós fazemos teatro por necessidade. De uma maneira ou de outro, as pessoas precisam começar a pensar sobre as coisas e em como mudá-las, e através do teatro forçamos isso.»

Micaela conta que há uma diferença muito grande entre os alunos que entram para o curso de formação e os que, três anos depois, saem. «Ficam mais confiantes, falam-nos sobre o que experienciam e tem uma certa noção sobre isso. Sonham maior. Têm mais imaginação para ir mais longe. No começo, perguntamos o que querem ser e eles dizem: quero ser um ator ou quero ser como tu. Ou dizem: quero defender meu país. No final do curso eles dizem quero fazer isto isto e isto, e detalham os passos para o fazer. Isso é muito importante, porque além de uma grande capacidade de sonhar demonstra uma aproximação realista de como chegar a esses sonhos», explica a artista portuguesa. «Dizemos sempre aos alunos que o palco é um sítio onde se pode ensaiar para a vida, no sentido em que aprende a

controlar as emoções. Aprendes que é um ator e portanto é mais proativo nas escolhas que fazes na vida e crias uma certa consciência que te permite ter uma percepção melhor do exterior.»

**E**mbora vivam numa realidade muito específica, os diretores do TFT consideram que existe uma linguagem teatral que é universal. Quando viajam e conhecem outras companhias identificam temáticas em comum. «O que encontramos são pessoas lutando por certas coisas e realidades porque em todos os lugares do mundo há determinadas necessidades. Mesmo na palestina em cada lugar há uma necessidade específica», explica Nabil. «O nosso teatro tem características muito fortes de um teatro comunitário, estamos a fazer um teatro político. Se você pensa no Teatro A Barraca, discutem problemas que ocorrem hoje em Portugal, é a necessidade deles. Mas é tudo teatro, é sentimento e crença na mudança pela palavra», completa o encenador.

Durante os dez anos de existência do TFT mais de uma centena de jovens e atores estrangeiros passaram pela companhia. Já vão para a quarta geração de alunos formados. O trabalho também chega ao público. «No início atendiam os telefones no meio da sessão, respondiam aos atores, comiam dentro do teatro, e diziam: para que é isso? Não tinha respeito pela arte. Fazemos sempre conversas depois dos espetáculos e no início não íamos muito longe. Hoje em dia há uma grande repercussão, e anunciam e trazem mais gente. Notamos diferença entre o público de Jenin e de outros sítios da Palestina», conta Micaela.



مسرح الحرية

THE FREEDOM THEATRE

30

# A

lém da possibilidade de mostrarem o seu trabalho e conhecerem outras realidades, para os alunos e diretores do Freedom Theatre uma *tourneé* como a feita em Portugal significa a oportunidade de tentar romper com os preconceitos e também com a visão simplista do que acontece naquela zona. Ao atuarem têm a possibilidade de mostrarem que não querem ser vistos como vítimas ou coitadinhos. «Uma grande intervenção, para nós, é isto, esse contacto humano de nós irmos cá e as pessoas verem, no palco, que somos atores como todos os outros, tão bons ou tão maus como tantos outros, e há uma grande mensagem nisso, que é: não há aqui vítimas, nós somos todos seres humanos e como seres humanos deveríamos ter os mesmos direitos e sermos ouvidos como todos os demais.»

Naquele sábado, o grupo foi aplaudido por vários minutos no final da peça. Até que Micaela pediu para parar e deu início a sessão de perguntas que habitualmente é feita após as apresentações. «Muitas vezes aplaudem-nos antes de começar a apresentação, quando entramos. Na Alemanha acontece sempre, somos aplaudidos demoradamente. Por que aplaudem se não viram ainda o espetáculo? Talvez não gostem do que vão ver?, pensávamos nós. Mas depois entendemos que o aplauso também é um gesto, como quem nos agradece por sermos da Palestina e estarmos ali para contar as nossas histórias.»

\*O Freedom Theatre se mantém com doações de entidades, grupos de amigos espalhados pelo mundo (em Portugal há um) e particulares. Para mais informações sobre as formas de colaborar aceda: <http://www.thefreedomtheatre.org/make-a-donation/>

ACASIA

DA

ANDRÉA

ANDRÉA ZAMORANO

NÃO FOSSE QUASE

Deixar o Brasil não foi fácil. Nos idos de 1992, ter uma oportunidade para estudar na Europa era quase como ganhar na lotaria só que sem o prêmio monetário. Eu agarrei o meu bilhete. Não fazendo ideia que ao entrar no avião para Lisboa nunca mais me encontraria comigo mesma. Aquele eu que partia também me deixava. Eu seria eu por muito pouco tempo.

Quando embarquei nessa demanda, a internet era coisa de ficção científica, as chamadas telefônicas intercontinentais custavam uma fortuna e eu só ligava uma vez por mês para o Rio de Janeiro. Em casa da minha mãe não havia telefone porque as linhas eram compradas às companhias estaduais – no nosso caso, a Telerj – e não tínhamos capacidade econômica para tal; por isso, tentava a minha sorte ligando para o lugar em que eventualmente a minha mãe pudesse estar: a casa das minhas avós, na Penha. Era raro encontrá-la mas não deixava de arriscar. Ao menos falava com todo mundo que estivesse em casa no domingo enquanto ia ouvindo, no fundo, a televisão alta ligada no Sílvio Santos e o debitar dos impulsos do cartão telefônico. Pedia sempre para que a avisassem que eu estava viva já que cada carta

levava mais de um mês para chegar algures no Quitungo, o lugar onde cresci.

O Quitungo é uma estrada entre Cordovil, Brás de Pina e a Vila da Penha e só morando no subúrbio se é capaz de vislumbrar. Lá não tem o glamour dos bairros da Zona Sul que imaginam sempre quando respondo de onde venho: «Rio de Janeiro». Como sou branca, tenho cabelos claros e o nome de família estrangeiro, eles ligam de imediato o fantasiómetro, cunhado por anos de massificação das telenovelas da Globo, e desatam a visualizar um café da manhã com não sei quantos tipos de bolos, frutas tropicais, uma mesa farta, a empregada fardada a servir, de preferência mulata para dar mais exotismo a coisa e por aí vão lançados; apresso-me sempre em desfazer o delírio paradisíaco colonialista com a informação mega desinteressante sobre o lugar de onde saí: O Quitungo é, e foi sempre, um lugar feio. Na verdade, muito feio. E pobre também.

A palavra pobre faz então «a viagem» – para usar uma gíria carioca – disparar em outra direção: «Vivias numa favela?» Antes de conseguir explicar que o Quitungo é só um lugar humilde num típico bairro do subúrbio, com gente trabalhadora, e que não é favela, eles começam a me contar a fantástica experiência antropológica que viveram numa favela, sem saberem que a palavra hoje é comunidade, quando subiram no Vidigal ou noutra morro pacificado da cidade. Então deixo-os falar com certa condescendência para

não ser desmancha-prazeres e tento me lembrar do que eu mesma imaginava sobre Portugal.

Não era a visão do português bigodudo, tranquilizem-se. Em verdade, imaginei sempre Portugal muito cheio. Pensava que um país com cerca de dez milhões de pessoas, num espaço tão reduzido, deveria ter uma densidade demográfica esmagadora. Uma espécie de praia de Copacabana no réveillon, um mar de gente por todo lado. Não poderia estar mais enganada. Mas estava munida com a certeza inequívoca de quem vive num mundo subdesenvolvido, a Europa é melhor.

Este sentimento de buscar um lugar idílico, um lugar onde encontraria melhores condições para viver, tantas vezes as diásporas são motivadas por razões económicas, também acabaria por me assombrar. Tudo começou pelas decisões do que deixei para trás até chegar à viagem propriamente dita. Ao momento da partida, da transposição de duas fronteiras, a de saída e a de chegada. E aquilo que me fixou no local com que sonhei.

A noção de fronteira deixou de ser apenas territorial para se alargar às metáforas da vida social ou de uma localização emocional. Para quem, como eu, está fora, sendo emigrante, expatriado ou até exilado, a fronteira pode funcionar como uma dissociação entre o nosso estar físico no mun-

do que escolhemos e o nosso estado psicológico. Estou simultaneamente ligada ao país que me recebeu, Portugal; e ao meu país de origem, o Brasil. Nada nesse mundo é estanque. Tudo é permeável.

Quando o meu imaginário regressa ao Brasil, tenho tendência para o pensar com uma certa singeleza. E por mais que visitemos a nossa terra no tempo presente, nem precisa ser outro país, pode ser só o local onde crescemos, acabamos por pensá-lo e senti-lo como quando vivíamos lá. Mas tudo mudou, nós somos outro e o nosso lugar de origem também.

Talvez diferente do que aconteça aos que decidem viver num país onde a língua e a cultura são muito distantes da sua terra natal, entre Brasil e Portugal tudo está no limite do «quase». Afinal «o que separa Portugal e Brasil é a mesma língua», nas palavras de Mauro Sallas Villar que peguei emprestadas a um artigo do Harrie Lemmens. Somos quase a mesma língua, quase a mesma cultura, quase a mesma gente. É tudo tão familiar ao mesmo tempo que não é. É quase.

Então uma pessoa é assolada por sentimentos de inadaptação, de nunca ser completamente aceita. Ser «quase» para sempre. E há ainda as angústias com relação à perda dos vínculos familiares na nossa terra de origem, levando com que se oscile entre uma cultura e outra. «Somos assombrados

por um sentimento de perda, um desejo de recuperar, de olhar para trás, mesmo correndo o risco de sermos transformados em estátuas de sal», diz Salman Rushdie. É nesse paradoxo que me busco. Já fui, também sou e sempre serei de lá assim como sou daqui.

Hoje, posso assegurar que me encontro num estágio avançado de integração transnacional, tanto linguística como social. Porém, nem sempre foi assim nem sempre é assim.

Tive e tenho com frequência de me deparar com o aspeto da localização espacial. A toda hora alguém convoca a minha nacionalidade original. Sou confrontada pelos portugueses que se admiram com o fato de eu conseguir preservar a minha pronúncia – no fundo, acham que sou dura de ouvido – e uma pontinha de desalento quando os brasileiros têm dificuldade em ter a certeza da minha brasilidade, justo por culpa da minha pronúncia.

Uso mesóclise, ênclise e próclise despudoradamente. Não sou mais um falante exclusivo de português do Brasil, nem nunca conseguirei ser de Portugal. Ainda na remota Ilha do Fundão, na UFRJ, o *Curso Geral de Linguística* de Saussure, já advogava em minha defesa: a fala – a *parole* – é «a parte individual da língua sujeita aos fatores externos». Ao mesmo tempo, a fala é um «ato individual de vontade e inteligência». Vivendo em Lisboa

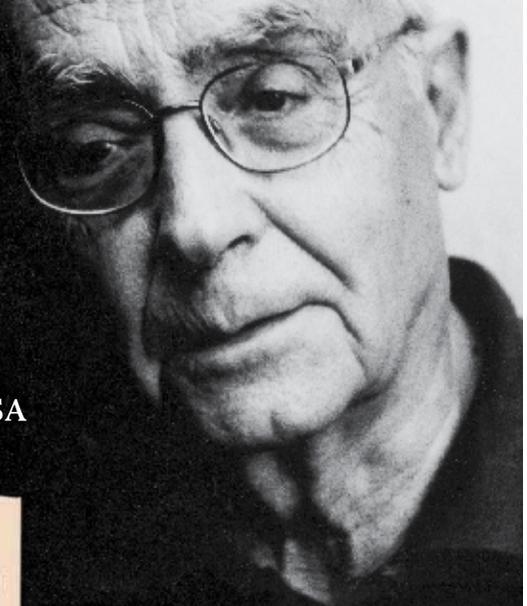
há vinte e quatros, a única maneira de não ser contaminada pelos fatores externos seria sendo surda. O que felizmente, não é o caso.

O que não poderia supor é que Lisboa fosse um caldeirão linguístico repleto de outras variantes regionais da língua – angolanos, minhotos, cabo-verdianos, açorianos, tudo pulsa nesta cidade, prato cheio para as discussões Labovianas, e que modificaria irreversivelmente, para meu bem, o meu português e a mim própria. Dando-me uma nova identidade alicerçada nas variantes dialetais a que fui e sou exposta.

Como podem imaginar, isso faz com que não me sinta exclusiva pertença de nenhuma nacionalidade ou cultura. Todo o processo acontece naturalmente. Na teoria, fico com o que melhor de Portugal tem, rejeito o refugo, fazendo o mesmo com o Brasil; na prática, todos os dias têm coisas boas e más de parte a parte. Não consigo, nem quero ser apenas um. Porque ser único, quando posso ser tantos?

Vivo diariamente numa batalha que não me importo de lutar e nem pretendo vencer para saber no que me estou transformando. Repartida, não me sinto composta por uma única identidade mas por várias, algumas vezes contraditórias, outras não-resolvidas. Vou deambulando por aí para saber quem sou, construindo e desconstruindo identidades como todos os seres.

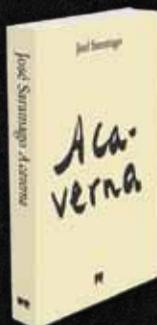
# JOSÉ SARAMAGO



CALIGRAFIA DE CADA CAPA POR PERSONALIDADES DA CULTURA PORTUGUESA



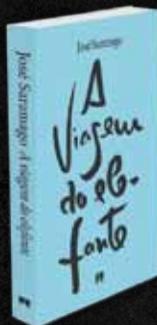
José Mattoso



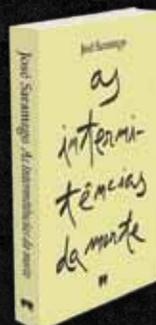
Eduardo Lourenço



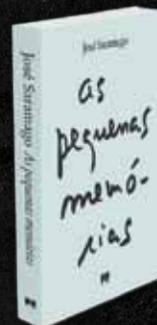
Armando  
Baptista-Bastos



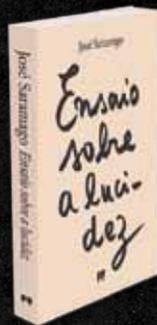
Mário de Carvalho



Valter Hugo  
Mãe



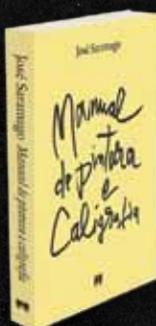
Gonçalo M.  
Tavares



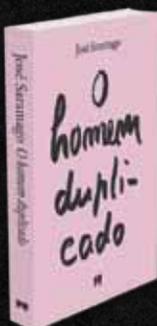
Dulce Maria  
Cardoso



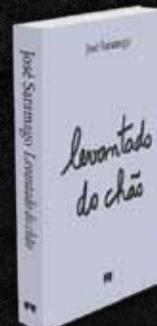
Álvaro Siza  
Vieira



Júlio Pomar



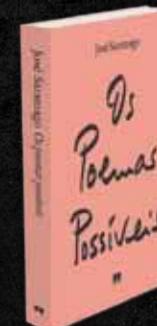
Lídia Jorge



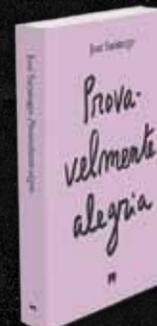
Mia Couto



Maria do Céu  
Guerra



Almeida Faria



Nuno Júdice



**GERADOR**

*a levar a cultura*  
**PORTUGUESA**  
**A TODO O**  
*lado*

O GERADOR É UMA PLATAFORMA  
DE ACÇÃO E COMUNICAÇÃO  
PARA A CULTURA PORTUGUESA.

DESCOBRÉ-NOS EM GERADOR.EU

MARIA TE  
RESA AN  
DRUETTO

ANDREIA  
BRITES

SÉRGIO  
LETRIA

"Um escritor trabalha com a sua caixa de ressonâncias"

## MARÍA TERESA ANDRUETTO

---

Pela primeira vez em Portugal, María Teresa Andruetto participou na XIV edição das Palavras Andarilhas, encontro bienal de promoção da leitura e da narração oral organizado pela Biblioteca Municipal José Saramago, em Beja. Na sua conferência, associou viagens, exílios e emigrações, ao passageiro adolescente e à escrita como descoberta, como busca, como rompimento do convencional. Mas sobretudo falou sobre o olhar e esse efeito especular em que o escritor se vê a si próprio nos outros e nos outros se revela. Distinguida com o Prémio Hans Christian Andersen em 2012, esta mulher argentina de 62 anos tem uma história que se confunde com a do país que nunca abandonou. Na literatura que escreve não esquece o mundo rural, a miséria, a migração, a ditadura, as mulheres, a infância. Dedicou-se igualmente a formar leitores, lecionando oficinas literárias para professores, públicos adultos e juvenis. Luta pela edição e pela criação literária tanto quanto luta por um país e um mundo sempre mais democrático. A sua caixa de ressonâncias oferece ao leitor, e ao ouvinte, uma voz pausada e um sorriso discreto. Há, apesar da naturalidade das suas palavras, uma contenção que deixa entrever que muito fica por contar.

FOTOGRAFIAS: BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BEJA

---

# MARÍA TERESA ANDRUETTO

---

**Cresceu na planície argentina e nos seus livros é frequente existirem personagens e lugares que o reflectem. Que melancolia é essa que tem observado ao longo da sua vida naquelas pessoas?**

É uma melancolia em que me reconheço. É um pouco própria e um pouco herdada. Parece-me que se alimenta um pouco da paisagem da planície, que era a única que conhecia. Quando era criança não saíamos da aldeia. Por outro lado, descendo de emigrantes. O meu pai era italiano e do lado da minha mãe os meus avós, seus pais, também. Na aldeia quase todos descendiam de italianos, de sírios, de galegos... Então todos tinham uma nostalgia de outra coisa.

**Quando começou a escrever?**

Comecei a escrever muito jovenzinha, na adolescência. Antes disso, quando tinha nove anos comecei a inventar contos para as minhas amigas, para que gostassem de mim porque tinha muitos complexos e parecia-me que nunca me queriam. Descobri que isso me trazia amigas. Escrevi para mim muito tempo como uma coisa pessoal, e tão-pouco eram coisas boas, eram exercícios. Quando tinha 28 anos adoeci com alguma gravidade e tive uma convalescência de quase um ano. Aí comecei a escrever uma novela. Escrevi-a e dez anos depois pude publicá-la. Escrevo desde jovenzinha mas só comecei a publicar aos quarenta anos, por causa de um prémio.

# MARÍA TERESA ANDRUETTO

---

## **E como se chamava a novela?**

*Tama*. Entre o momento em que recebi o prémio e o ano seguinte, em que saiu o livro, animei-me para enviar muitos textos às editoras. De tal maneira que no ano seguinte saíram quatro livros juntos. Assim começou.

## **A ditadura, de 1976 a 1983, levou-a a abandonar o sonho de ensinar. Como foram esses anos?**

Foram anos muito difíceis. Acabei a universidade pouco antes do golpe de Estado, já havia perseguições. Eu tinha uma participação política e estudantil num partido de esquerda na universidade. Então fiz algo que muita gente fez na altura e a que chamávamos o exílio interno que foi ir-me embora do sítio onde me conheciam para não me poderem identificar porque eu participava das assembleias estudantis... Fui para a Patagónia que na altura era quase um deserto, era uma zona muito dura, no centro da meseta. Depois a cordilheira é muito bonita, e há o mar...

Nesses anos a Patagónia tinha muito poucos habitantes. Então fui para um lugar e fiquei lá cerca de dois anos. No meu caso, não podia trabalhar oficialmente nem em locais públicos. Não digo completamente escondida mas nas margens, aceitando as condições que o empregador propunha. Não foi o meu caso mas houve muita gente que traba-





# MARÍA TERESA ANDRUETTO

---

lhou com outro nome, por exemplo. Essas pessoas que estão agora prestes a reformar-se, como eu, têm problemas em ver reconhecidos esses anos de trabalho.

## **Mas não ficou na Patagônia até ao final da Ditadura Militar...**

Embora não tivesse nenhum tipo de participação aconteceram coisas que me assustaram e regresssei a Córdoba. E ali fiquei até ao fim da ditadura, pior do que na Patagônia. Vivía num quarto que me emprestaram os donos de um hotel que servia as prostitutas da rua. Tenho um poema que se chama "Los Ermanos García"; fez agora um mês que morreu o último. Eram três irmãos solteiros, dois homens e uma mulher. Gente que tinha chegado do campo, muito simples e extremamente boa. Deixaram-me ficar lá durante muitos anos.

## **A ditadura foi um tempo de silêncio?**

A ditadura aparece muito na minha obra, sobretudo em romances para adultos: *La Mujer en Quésion*, *Lengua Madre* e *Los Manchados*. Ainda em alguns contos de um livro que se chama *Carcería*. Mas escrevi-os todos depois da ditadura. Tudo o que escrevi durante a ditadura, coisas pequenas, nada foi publicado.



## MARÍA TERESA ANDRUETTO

---

**Numa entrevista afirmou que «la literatura está casi siempre habitada por un paisaje humano, cuya complejidad, ambigüedad y sufrimiento me atraen». Quando escreve tenta dar caminhos aos seus leitores para enfrentarem esta complexidade e sofrimento?**

Naturalmente sinto uma grande empatia pelo outro. Tenho tido uma vida com momentos muito distintos. Num certo momento fui muito pobre e depois fiquei bem, cómoda. Já vivi no campo, em aldeias pequenas e na cidade, depois a vida levou-me a conhecer muitos lugares... Então parece-me que quando escreves o arco de experiência define a maneira de te relacionares com os outros. Esse arco, essa vida, esses amigos de diferentes épocas que continuo a conservar, alguns que conheci nesse quarto ou quando estive na Patagónia ou ainda quando vivia na aldeia, digamos que isso me ajuda a conhecer o humano e também a ter a tal empatia de me pôr no lugar do outro, do que pode sentir ou sofrer. A escrita tem a ver com isso. Se eu fosse esse, quem seria? Quero compreender isso. Que faria se fosse esse outro? Então sinto que escrever é um caminho de conhecimento do humano, inclusivamente de situações que recusaria para a minha vida. Por exemplo, tenho um conto sobre uma mulher que fica enredada numa relação com um torturador de um campo de concentração onde fora prisioneira. O conto chama-se «Los Rastros de lo que era» e está disponível na internet. O que sentiria ela naquela situação? Porque não posso dizer de fora: «deve fazer isto». De fora não posso julgar. O mais importante da escrita é como fazer para não julgar e não interpretar, apenas mostrá-lo. Isso é o que mais me custa, mesmo que não pareça. Por isso não escrevo tanto. Claro que fiz muitas coisas, porque já tenho

# MARÍA TERESA ANDRUETTO

---

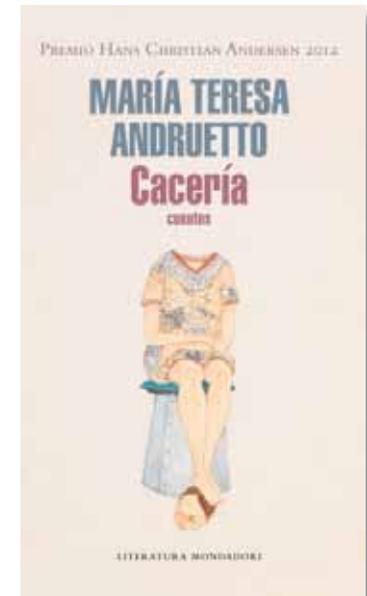
muitos anos. Mas podem passar meses em que não escrevo nada de ficção nem de poesia. Pode ser que escreva um pequeno ensaio, ou uma conferência apenas.

**A ideia do passageiro em trânsito remete para uma herança de migração, quer biográfica, quer coletiva. Em qual dos seus livros está mais presente esta herança?**

Creio que em *Stefano*. Por alguma razão que desconheço em mim, há assuntos que aparecem em livros para jovens e outros para adultos. Por exemplo, a ditadura vai sempre parar a livros para adultos. Algo me vai levando a um som, a uma voz interna, não sei bem porquê. Cada livro é diferente, é um mistério. Ao contrário, a migração tem aparecido mais em livros que se editam em coleções juvenis e infantis.

## **Como aconteceu com *Stefano*...**

Não era claro para mim que *Stefano* fosse um livro para jovens. É uma novela de formação em que um rapaz sai de Itália, faz o caminho e no final da novela é um homem. É uma viagem da criança até se transformar num homem, ao mesmo tempo é a viagem de Itália à Argentina e ainda uma viagem por mulheres distintas, da mãe, passando pelos distintos amores ou distintas relações até à que parece, no final da novela, ser a definitiva. Pensava oferecer *Stefano* a um editor



## MARÍA TERESA ANDRUETTO

---

de livros para adultos. Mas na altura eu era muito menos conhecida, só tinha publicado esses quatro livros e mais dois. Enviei o texto a uma editora que já tinha editado outros livros meus para jovens para que o enviasse ao editor de livros para adultos. Acontece que ela era também emigrante, tinha ido pequena de Itália para a Argentina, acho que isso influenciou a sua decisão, e respondeu-me que o queria para a sua coleção. Considero que Stefano é um livro que está na fronteira.

### **Também escreveu *El País de Juan*, sobre migração interna, para o público mais novo.**

Na Argentina houve um fenómeno de migração interna muito forte que sucedeu entre os anos 1940 e 1950. Está ligado ao Peronismo, quando se operaram mudanças muito importantes do ponto de vista político e social. Nessa altura, muitas pessoas das províncias do norte, que são províncias com mais presença indígena, vão para a periferia de Buenos Aires e a isso chamou-se o fenómeno dos 'Cabecitas Negras' pela cor da pele das pessoas, sempre para depreciá-las, ou por parte dos conservadores de direita 'aluvion zoológico' querendo dizer que chegavam como os animais. Então *O País de Juan* tem a ver com isso. Não é passado na altura, é mais contemporâneo, mas é a história de um menino que foi com a família do campo para a cidade. É algo muito frequente na Argentina.

**Foi cofundadora do CEDILIJ (centro de difusão da literatura infantil e juvenil). Pode contar-nos um bocadinho da história do centro e do que o fez nascer?**

---

## MARÍA TERESA ANDRUETTO

---

O CEDILIJ, em Córdoba, nasceu no final de 1983, quando subiu ao poder o primeiro presidente democrático depois da ditadura. Começamos a trabalhar em 1984. O centro continua em plena atividade, eu fui uma das fundadoras. Na origem éramos um grupo de mulheres que tinham estudado literatura ou educação e que estavam preocupadas com as crianças, a literatura, os livros e a escola porque na ditadura desapareceram os livros das escolas. Inclusive dizia-se que era para os pais não gastarem dinheiro, esse tipo de coisas...

### **Boas intenções, como é costume nas ditaduras...**

Sim! Para além disso queimaram-se centenas de milhares de livros em queimas públicas. Por exemplo, houve uma editora que se chamava Centro Editor de la America Latina, que era uma editora que editava livros muito interessantes a preços económicos, edições populares. O governo militar apropriou-se de todos os livros que a editora tinha em depósito, fez uma queima pública e obrigou os donos da editora a estarem presente nessa queima. E como essa houve muitas outras.

Então a nossa preocupação era devolver a literatura às escolas. Já tinha havido experiências muito interessantes, nomeadamente nos anos 60 e início de 70, com María Helena Walsh, por exemplo. Tudo isso estava na tradição argentina e foi interrompido em 1975, um pouco antes do golpe de Estado, e durou até 1983.



# MARÍA TERESA ANDRUETTO

---

## **Como se juntaram?**

Uma tinha tido uma experiência numa livraria, outra tinha dado aulas, outra dava aulas, outra ainda vinha do exílio no México, onde tinha trabalhado numa livraria. Quanto a mim, vinha do quarto onde tinha estado.

Tinha sido muito boa aluna na universidade mas depois não trabalhei em nada que se relacionasse com literatura. Para terem uma ideia, voltei à faculdade para ir buscar o meu diploma depois de ter terminado a ditadura. Um dia ia na rua, no primeiro mês de governo democrático, e encontrei uma antiga professora que me perguntou: *María Teresa, o que estás a fazer?* Eu respondi, *Nada*. E ela disse-me que havia um grupo de raparigas que estava a formar um centro. «*Porque não as contactas?*» E deu-me um número de telefone. Eu telefonei e juntámo-nos num bar porque durante muito tempo o centro teve como oficina a mesa de um bar, e assim começou.

## **E como pensaram o centro?**

Hoje temos um pouco de tudo: uma biblioteca, um centro de documentação, trabalho com crianças, com jovens, formação de professores e mediadores. Mas nos primeiros anos o centro das nossas preocupações era a formação de professores leitores. Aí está a origem. Outra questão relevante é que não tínhamos financiamento. Então, até meados de 1995, quando me retirei, funcionou de uma maneira. Depois houve outras mudanças. Mas no início tudo o que fazíamos sociabilizava-se. Deixávamos uma percentagem importante, 30, 40% do que ganhávamos dando os nossos cursos, ou aulas, ou oficinas. Para sede alugámos um lugarzinho pequeno, depois



## MARÍA TERESA ANDRUETTO

---

uma casa, depois regressámos ao lugarzinho pequeno numa crise, enfim, passámos por várias fases. Também fizemos trabalhos noutros lugares, por exemplos com idosos, numa prisão de jovens dando oficinas...

Funcionávamos como uma cooperativa, não tínhamos esse nome mas era assim que funcionávamos. Isso foi muito bom durante toda a década de oitenta. Depois começámos a ter algumas dificuldades, no sentido em que havia alguns projetos que eram importantes e não davam dinheiro. Quando dávamos aulas, podíamos cobrar mas se alguém tem como função ler tudo o que sai para fazer fichas e criar um centro de documentação, isso ninguém lho paga.

### **Não havia financiamento do Estado?**

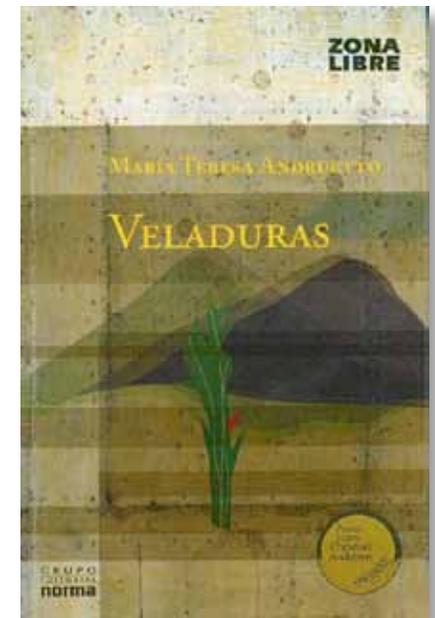
Não havia mas também não pedíamos. Nos anos 80 o Grémio dos docentes contratou a instituição para dar formação aos professores. Mas não havia financiamento direto do Estado. Creio que também não o queríamos. Éramos mais jovens, mais alternativos. Com o tempo as coisas mudaram e acho que também compreendemos a importância do Estado na formação de pessoas. Nos anos 80, como vínhamos da ditadura, de um estado que não queríamos, em que não acreditávamos, havia essa rejeição.

### **Tem o blogue *Narradoras Argentinas*. Nasceu de uma motivação literária ou social e política?**

## MARÍA TERESA ANDRUETTO

---

Tudo junto! Esse blogue onde há escritoras argentinas vivas e não vivas articula-se, desde os últimos quatro anos, com uma coleção de livros de narradoras argentinas editada pela Editorial Universitaria Villa María, uma editora universitária com um projeto interessante numa cidade perto de Córdoba. O blogue começou comigo mas agora somos uma equipa de três mulheres, Juana Lujan, uma das minhas filhas, com 34 anos, Carolina Rossi, com 37 e eu, com 62. Como surgiu? Como tudo na minha vida, a origem é a paixão. Porque nas minhas oficinas literárias, que fiz durante trinta anos, levava muitas escritoras mulheres de que gostava. Quando decidi acabar com as oficinas, fui viver para o campo e pensei que já não ia continuar, num dado momento estava na apresentação de um livro de alguém e, conversando com um conhecido que dirigia a secção cultural de um jornal começo a falar de algumas escritoras de que gosto. Então ele pergunta-me «Porque não fazes umas notas para o *Diário?*» Assim comecei a escrever sobre uma escritora por mês. As pessoas começaram a pedir os links de pesquisa e a minha filha sugeriu que criássemos um blogue. Assim fizemos. Depois sucedeu que o jornal transformou o suplemento e disse-me que já não tinha espaço para mim. Então ficou o blogue que fomos divulgando na internet. Depois, um dia estávamos a lanchar, eu, a minha filha e a Carolina, e perguntei-lhes: «Não acham que podíamos criar uma coleção de escritoras mulheres argentinas?» E assim saiu.



# MARÍA TERESA ANDRUETTO

---

## **A vossa intenção é registrar todas as escritoras argentinas de sempre?**

Não. São mulheres narradoras, contistas ou romancistas, que vão desde os anos 1940 até ao final de 1990. Porquê? Até 1940, as mulheres que escrevem vêm de setores muito altos da sociedade argentina, eram aristocratas. Excelentes escritoras. Entre os anos 40 e os anos 50 começa a haver a universidade pública e gratuita. Então muitas, muitas não, algumas mulheres de classe média começam a ter estudos superiores e começa a haver escritoras de classe média com outros temas e outras preocupações. Essas mulheres não são tão valorizadas pelos homens escritores do seu tempo e muitas delas, muito boas, são esquecidas. Isto acontece até à explosão da internet quando as escritoras podem ter uma página, links, uma presença, e quando muda também bastante a condição da mulher. Então nós publicamos mulheres que tiveram algum reconhecimento e livros publicados, não são desconhecidas absolutas, mas deixaram uma obra inédita ou têm algum livro que está há muito desaparecido. Editamo-lo com um prólogo que analisa a obra escrito por um especialista que convidamos.

## **O que é a mercantilização do desejo, de que fala na comunicação «Passageiro em Trânsito»?**

O escritor trabalha sempre contra algo! Houve um poeta argentino que disse que toda a literatura é desvio, a arte é desvio. Desvio de quê? Da norma, da lei da linguagem, da academia, do que se espera que se escreva, do que o mercado vende... Supõe-se que o escritor olhe para dentro de si para extrair algo genuíno e o ponto de partida não seja ver o que está na moda, o

# MARÍA TERESA ANDRUETTO

que se vende, o que quer o editor. Não. Vou aproveitar estar aqui neste parque formoso em Beja para vos devolver umas palavras maravilhosas de uma poeta de cá, Sophia de Mello Breyner: num ensaio ou numa conferência que deu quando recebia um prémio importante, disse que uma tarde no teatro grego de Epidauro, depois de se terem ido os turistas, ela se colocou no centro do palco, disse algo e o eco lhe devolveu a sua voz imaginada, como se fosse de outro. Então penso que escrever é isso. Um escritor trabalha com a sua caixa de ressonâncias e ela vai marcando a vida, a experiência, a dor e a alegria dos outros, o que alguém viu, ou ouviu. E vai deixando a sua marca em nós. No mais profundo de nós estão os outros e é nesses outros que observamos que estamos nós.

## **A Teresa assume-se contra os catálogos etários que se aplicam aos livros. Porquê?**

Entendo que uma editora às vezes necessita disso para caçar o comprador de livros, mais do que o leitor. Por vezes pais e professores, sobretudo pais e professores com pouca formação, mais inseguros, olham e dizem: «Ah, este é para 12. Levo-o para o meu filho de 12 anos.» Todos sabemos que as crianças, os jovens, as pessoas em geral, são muito diferentes e que aos doze anos, por exemplo, todos lemos coisas diferentes. Por um lado a literatura é uma forma de arte que precisa da indústria para viver. Porque o suporte é o livro. É diferente de um pintor ou de um



## MARÍA TERESA ANDRUETTO

---

ator. A forma artística da palavra está ligada a um processo industrial. O livro é ao mesmo tempo uma criação da subjetividade e um objecto que se compra e se vende, o que também tem as suas vantagens. A literatura tem um acesso mais popular. Quase toda a gente pode comprar um livro com o dinheiro do seu trabalho. Pouca gente pode comprar uma obra de pintura. O acesso da literatura é um acesso relativamente económico, está nas bibliotecas, etc. Mas claro, ao necessitar da indústria, ao ser um objeto, um produto... Se o editor for bom, terá uma sensibilidade especial mas necessita que a venda desse livro cubra os custos, que se venda, que circule, tanto quanto quem faz sapatos quer que estes se vendam, e não vai querer uns sapatos tão estranhos que ninguém os compre.

Há uma luta aí, entre o que o escritor cria e o que o mercado considera que funciona. Mas, esta é a batalha da minha vida, um livro mal escrito custa tanto a fazer como um livro bem escrito. Todos são feitos de palavras, frases, papel, tinta. Já a qualidade da edição é outra coisa, há edições mais caras e outras mais baratas. Mas já se conseguem fazer edições económicas a dez euros.

A minha «quixotada», que não é só minha, é a de trabalhar na construção de leitores de qualidade, de melhores leitores para que exijam melhor literatura. Porque se houver mais leitores a pedir um nível melhor de escrita, os editores serão obrigados a editar livros de melhor qualidade. E assim o círculo vicioso pode transformar-se num ciclo virtuoso.

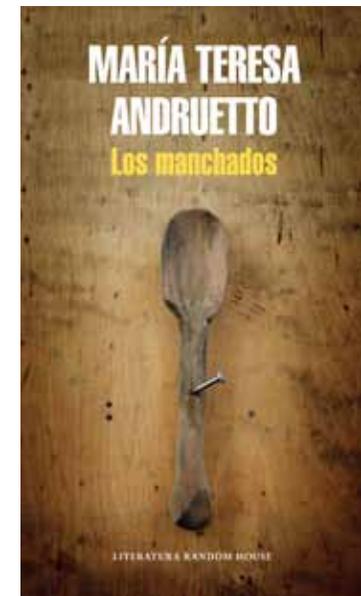
# MARÍA TERESA ANDRUETTO

---

## **Que balanço faz destes últimos trinta anos ao nível da formação leitora na Argentina?**

Desde 1984, quando comecei a trabalhar nesta área, até ao presente houve um desenvolvimento muito grande na formação leitora de professores na Argentina. Também houve um crescimento muito grande da literatura para crianças. Claro que se edita muita porcaria também mas há mais editoras e mais qualidade nos escritores e nos ilustradores e um trabalho maior por parte da crítica. Sobretudo há uma muito maior formação de professores leitores. Há que ver isto de um modo particular: quando digo mais formação estou a pensar em mais inclusão. É muito importante esta diferença: mais quantidade de professores que se formam, maior quantidade de crianças que acedem à leitura nas escolas, porque se trata de escolas públicas. Antes havia uma grande diferença entre algumas escolas privadas, urbanas, de grandes cidades e as escolas públicas de aldeias pequenas e isso mudou. Há muito por fazer, todavia. Há muito para crescer.

Temos um governo novo, desde dezembro passado, e não estamos no melhor momento. As pessoas estão a reclamar porque foram suspensos muitos projetos de desenvolvimento cultural, nomeadamente as compras estatais de livros para as escolas públicas de todo o país. Nos últimos dez anos compraram-se 90 milhões de exemplares de livros para as escolas públicas.



# MARÍA TERESA ANDRUETTO

---

## **E quem escolhe os livros para comprar?**

Em 2008 houve uma mudança que me parece muito importante. Se há uma equipa de cinco pessoas, por mais que sejam excelentes, a seleccionar compras milionárias há muita pressão das editoras. Então, em 2008 as pessoas que integravam as equipas de compras de livros passaram a ser à razão de duas ou três por província, professores do secundário e politécnico nomeados para uma comissão de dois meses para ler os livros, com um contrato de confidencialidade para não divulgarem a sua identidade. No total eram 70 pessoas. Isso parece-me que tornou a seleção mais diversificada, não tão urbana, não tão de Buenos Aires, com outras perspetivas e é muito mais difícil encontrar uma maneira de subornar 70 pessoas do que quatro ou cinco. Isso por um lado.

Por outro lado, tudo o que se comprou desde 2008 foi para todas as escolas do país, ou seja, uma escola rural na Patagónia recebe o mesmo número de caixas que uma escola de um bairro da capital.

## **Foi distinguida com o Prémio Hans Christian Andersen, em 2012, o maior na área da literatura infantil e juvenil. No discurso de entrega do prémio terminou dizendo não conseguir, então, compreender o seu alcance. Hoje já conseguiu?**

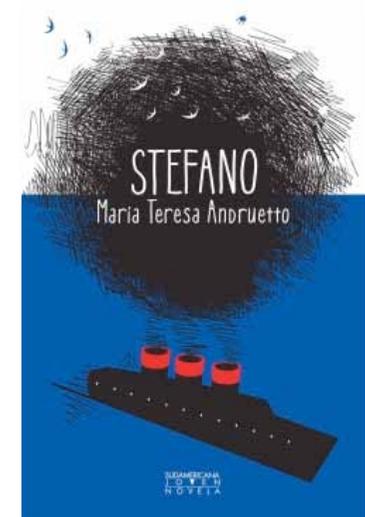
Às vezes parece que não aconteceu. Hoje reconheço que o prémio me trouxe muitas coisas. Esse foi o alcance que não previ: talvez não estivesse aqui, não tivesse ido a tantos lugares onde me convidaram se não tivesse os meus livros traduzidos em línguas que nunca tinha imaginado.

## MARÍA TERESA ANDRUETTO

---

Nesse aspecto houve mudanças mas na minha relação mais profunda com a escrita não, nem tão-pouco com a minha vida pessoal. Talvez porque já tinha uns bons anos. Também porque na america latina já tinha muitos leitores e disso estou muito orgulhosa. Comecei a ser conhecida da periferia para o centro. Primeiro na minha cidade, onde agora há muitas editoras mas na altura não. Comecei a publicar em 1993 e em 2003, passados dez anos, descobri que tinha mais leitores do que pensava.

Porquê o orgulho? Porque acredito que o escritor constrói os seus leitores, que constrói o tipo de leitores que quer para os seus livros. Nos primeiros dez anos vendia muito pouco. Ganhava prêmios mas os editores reclamavam. *Stefano* chegou a ser devolvido porque não se vendia. As escolas rejeitavam-no porque ali também foi preciso mudar a condição leitora dos professores. Aí começaram a tolerar questões mais complexas. Bom, fui crescendo com os meus leitores e os meus leitores foram crescendo com os meus livros. Quando o Andersen chegou fiquei muito surpreendida porque nunca imaginei ganhar. Quando fui nomeada pela Argentina comemo-rei, porque, isso sim, considereei um prêmio. Comemorei em família e tudo. O prêmio não o esperava. Mas agradeço-o, como agradeço tantas outras coisas que a vida me deu.

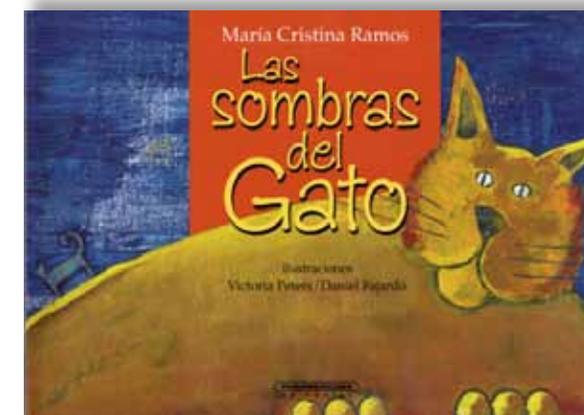
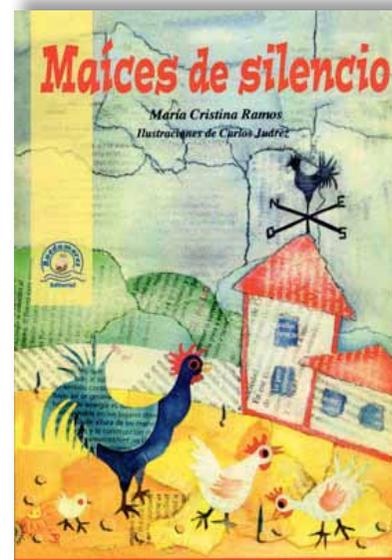
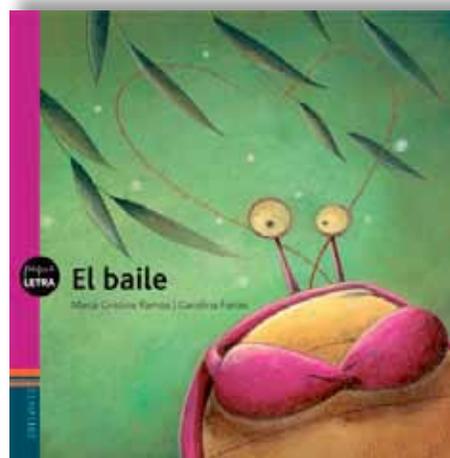
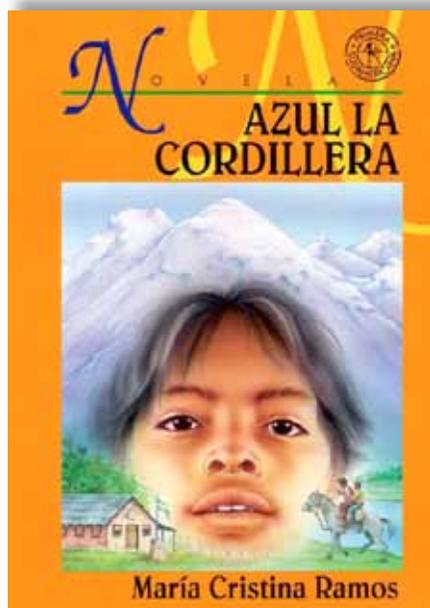


# AND THE WINNER IS...

## PRÉMIO IBEROAMERICANO SM DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

**A escritora argentina María Cristina Ramos é a vencedora deste ano do mais importante prémio para o espaço ibero-americano dedicado à literatura de receção infantil e juvenil. O júri justificou a escolha, entre outros argumentos, pela**

**«perspetiva autêntica e sensível sobre a realidade latino-americana». A sua vasta obra conta com poesia, conto e novela e é uma identidade que, segundo a própria autora, não é nem comercial nem simples.**





ANDREIA BRITES

VISITA GUIADA



## **O edifício da Porto Editora está bem no centro da cidade do Porto,**

junto à célebre Miguel Bombarda e ao Hospital de Santo António. Desde meados da década de cinquenta do século passado que ali se cimentou a identidade da maior editora dedicada ao livro escolar em Portugal. Passados sessenta anos, o prédio da Rua da Restauração já não alberga a gráfica nem o armazém. São vários andares dedicados exclusivamente à edição, produção, comunicação e, evidentemente, gestão. Paulo Gonçalves, diretor de comunicação do grupo, acompanhou-nos numa visita por todos os andares, entre *open spaces*, *call centers*, estúdios de vídeo e áudio e uma vista panorâmica sobre o Douro, ao alcance de quem tem a secretária junto à janela, no quinto andar.

As editoras do infantojuvenil não têm tanta sorte: têm luz, mas não têm vista. Todavia, quando Sandra Lopes entrou, para trabalhar na área do livro escolar do 1.º ciclo, o espaço ainda não era aquele. Depois, com as novas funções e a chegada de Susana Baptista foi preciso arranjar mais espaço para ambas e para os livros que se acumulavam. Mesmo assim, neste momento, acabam de alargar este aquário por ser necessário aumentar o número de pessoas da equipa. Para além da editora-chefe Sandra Lopes e da editora Susana Baptista, Sandra Almeida é assistente editorial na área do pré-escolar, otimizando a sua experiência de educadora de infância e a Eva, que foi professora do 1.º ciclo, coordena os manuais do 1.º ao 4.º ano. O quinto elemento, Daniela, tem à sua responsabilidade o para-escolar e agora os manuais de inglês para o 1.º ciclo.

Aqui, bem no centro do andar, todos as veem quando passam e não é raro irem visitá-las, especialmente quando o carrinho de compras que por ali paira se enche de livros. A editora-chefe esclarece: a Porto Editora recebe muitos títulos editados noutros países para avaliação. Em muitos casos, opta por não comprar os direitos desses livros. Então, estes são arrumados no carrinho para serem distribuídos por pessoas ou instituições interessadas.

## **Na divisão infantojuvenil da Porto Editora edita-se livro escolar,**

para-escolar e literatura para o público até aos 12 anos. O adn didático está na pele de Sandra Lopes: "Funciona muito bem porque tiramos muitas sinergias de uns livros para os outros." Luísa Ducla Soares, Maria Alberta Menéres e Álvaro Magalhães são três nomes de peso na literatura infantil e valem por si só, mas a editora-chefe acrescenta que ainda conta com Luísa Ducla Soares para fazer um ou outro texto para manuais escolares ou para-escolares. A experiência de escrita e o nome da autora são mais dois argumentos com que a Porto conta para valorizar estas edições.

Quando nos apresenta a coleção Espreita, dirigida ao 1.º ciclo, a propósito da aposta nas coedições, não deixa de salientar que mesmo nestes casos todo o material textual ou infográfico é sujeito a nova revisão científica. Os professores também são parceiros incontornáveis porque muitas edições são testadas com sessões de leitura e outras atividades.

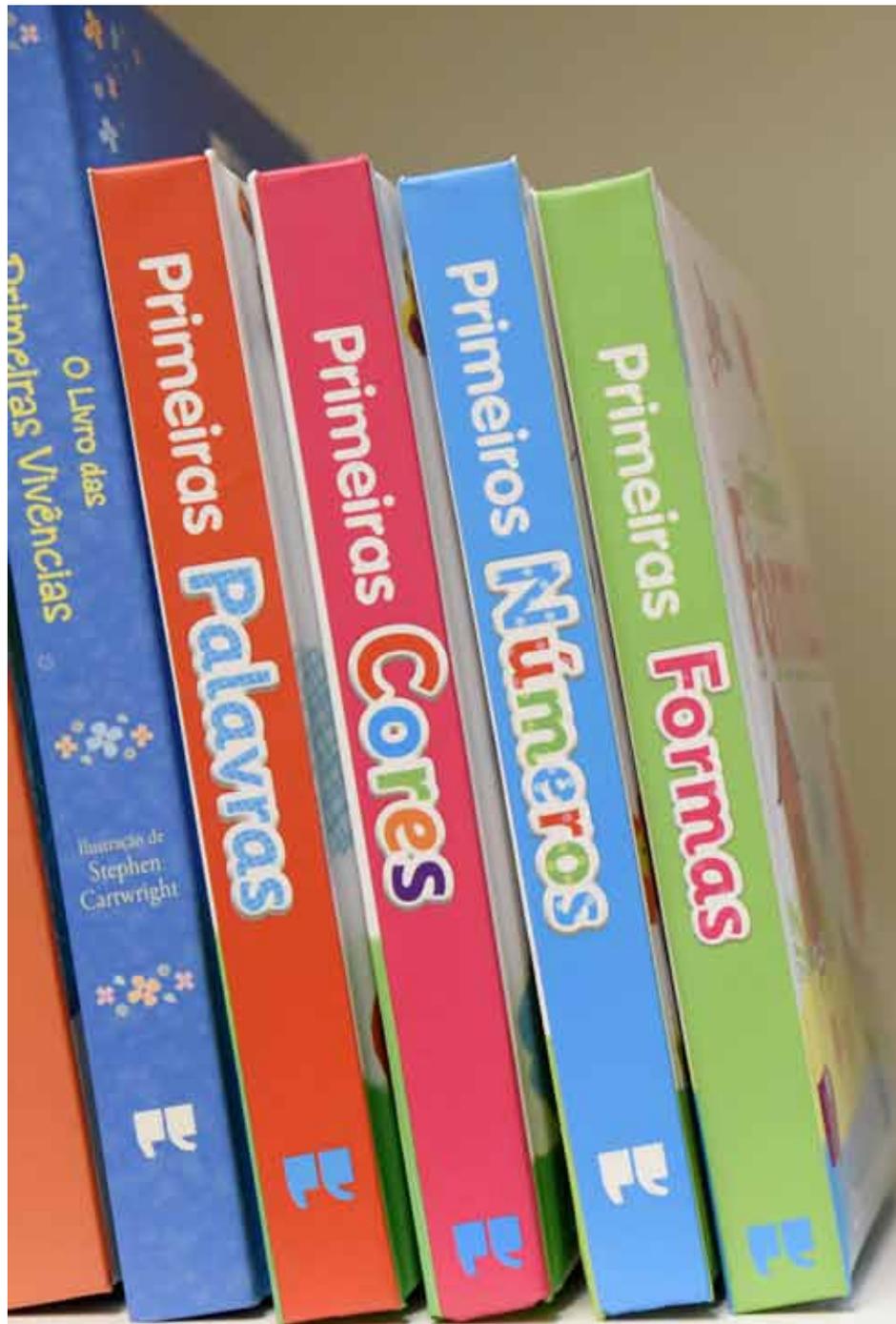
Todas as paredes que rodeiam a equipa editorial de cinco mulheres são transparentes, exceto a que se encontra nas costas da editora-chefe. Ali constam todos os títulos que editam, alguns do Plano Nacional de Leitura e outros que os autores da casa editam noutras chancelas. Há títulos para todos os gostos, da literatura ao livro de atividades, de propostas gráficas tradicionais a caixas surpresa.

Ilustrações e posters nas paredes de vidro, não há. Por nenhuma razão. Às vezes há ilustradores que enviam um original mas ficam guardados. Peluches são frequentes em cima das secretárias, onde não há muito espaço livre. 'Trincas' é uma mascote, personagem do livro com o mesmo nome, *Trincas o monstro dos livros* (Emma Yarlett), muito apreciado pela equipa. O Alfa é outra, criada pela própria editora como personagem central de diversos livros de atividades e que hoje é licenciada por outras empresas. Já na despedida, reparamos no gato que descansa numa folha exposta na parede. Será uma rockstar, protagonista de um kit para a disciplina de inglês. Ainda ninguém cedeu à tentação de o pintar...

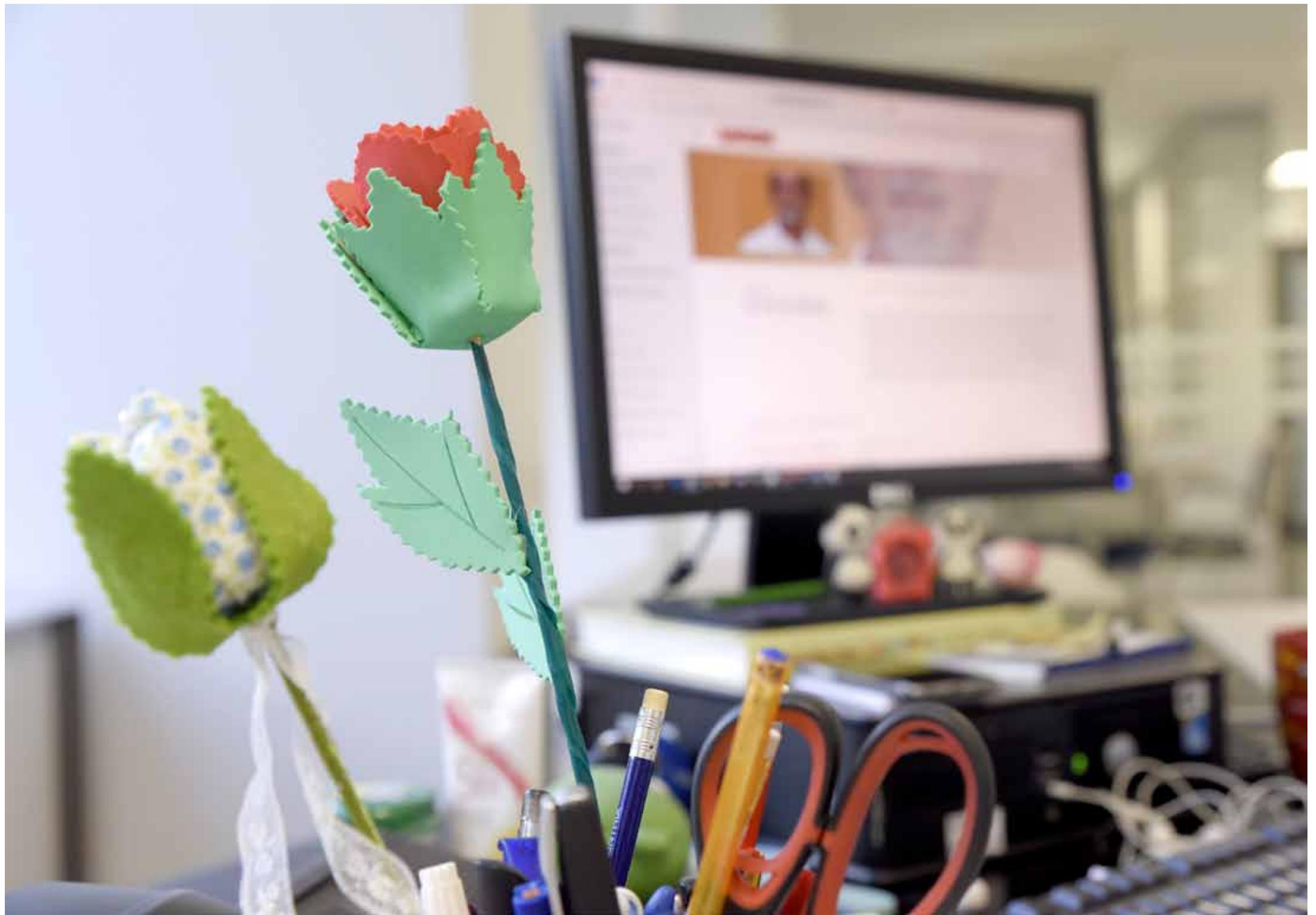
FOTOGRAFIAS DE EGÍDIO SANTOS













**SURPRESA**  
**PULLA**

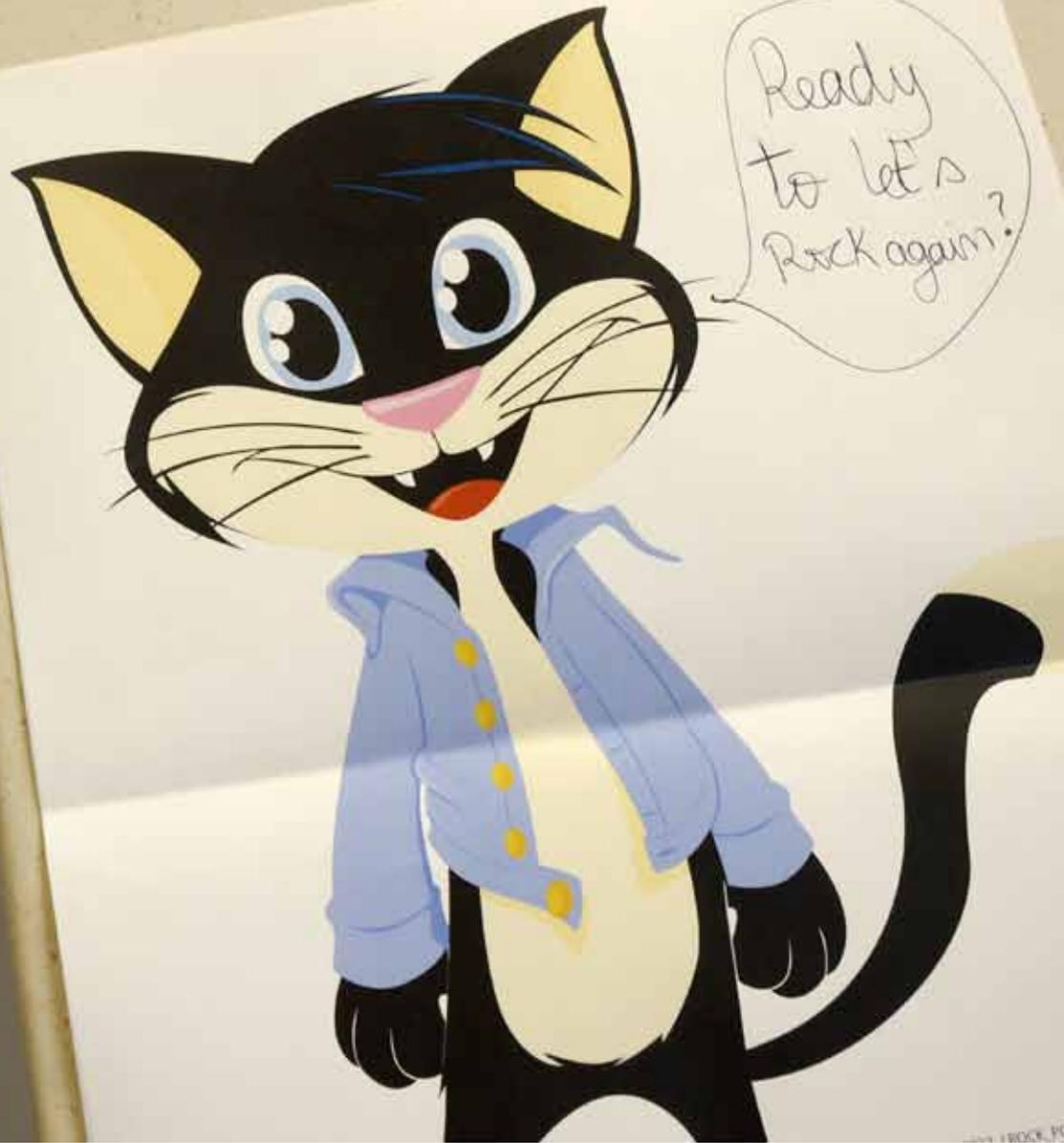


**Bloco de actividades e lápis ex**















# Enchanting Princesses

Book & model set

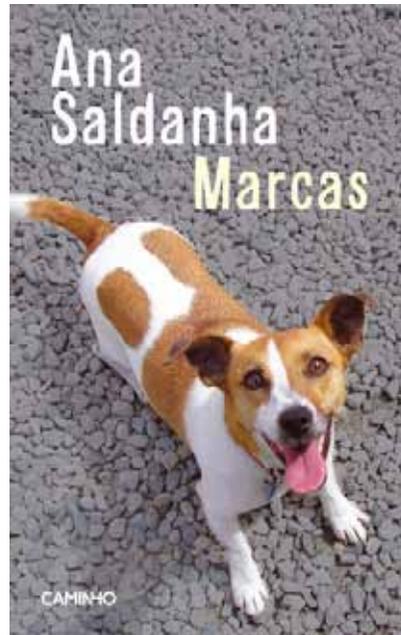


Includes  
princess model,

card and  
story book.

www.mattel.com

**Marcas**  
**Ana Saldanha**  
**Caminho**



Reconhecida autora de novelas juvenis, Ana Saldanha tem uma identidade muito vincada. Nesta novela que a Caminho editou em abril, os leitores reconhecem as suas principais características. O drama familiar subjaz a todos os acontecimentos e alicerça-se numa ausência de comunicação e parcial incapacidade de ver o outro que a escritora dá a perceber com angústia para o leitor.

Tudo se passa no seio de uma família: pai, filha adolescente e filho ainda criança. Cada um deles, vamos sabendo à medida que a narrativa progride, tenta superar a separação do casal e a ausência da mãe, que terá decidido dar um novo rumo à sua vida, até então dedicada exclusivamente à família.

Nessa tentativa de se manterem à tona, com os seus temores secretos e necessidades imediatas, nenhum consegue ajudar ou compreender o outro e os diálogos, como logo se apresentam nos primeiros capítulos, resultam de monólogos sem efeito entre as partes.

O cão que Gonçalo leva para casa parece representar apenas um desejo da criança e um problema de gestão para o pai mas rapidamente se torna num símbolo para o medo e a saudade que o menino de dez anos sente, por não ter a mãe presente e não encontrar apoio em ninguém da casa. Se a irmã o chantageia cruelmente para o leitor, fá-lo sem ter uma real noção do efeito da chantagem na criança fragilizada. Já o tio parece ser o único adulto disposto a dar atenção ao petiz.

Noutro sentido caminha Maria, que tenta medir forças com o mundo, desobedecendo ao pai, ultrapassando os limites do comportamento aceitável na escola, fugindo em busca de apoio no primo e na madrinha, Alice.

Como é frequente nas obras da escritora, também neste caso o tempo da ação não se apresenta linearmente. Se o que acontece com Gonçalo nasce quando leva para casa o

cão, o problema com Maria é anterior e vai-se desvendando à medida que o pai a questiona. Analepses recorrentes contextualizam a família e a sua rede de relações e emoções. A propósito disto ou daquilo, de uma paisagem ou uma frase, todas as personagens recordam episódios com nostalgia ou angústia.

Enquanto isso, a ação, que tem início num final de tarde, evolui para o início da noite. Depois da confissão de Maria, o pai sai de casa para pedir explicações a Alice. Tudo se precipita e os três elementos nucleares da novela tomam decisões e empreendem ações que progressivamente caminham para um clímax, como também acontece noutras novelas. O tempo afunila e o mosaico recompõe-se.

Em cada detalhe que se insinua, uma inferência a que o texto obriga o leitor. Por vezes, apenas um juízo que nunca se verifica ser certo ou errado. Ana Saldanha tem como recurso uma composição muito cuidada, contida na informação direta, profusa em vestígios e descrições indiretas. Cada personagem cresce assim em emoções e valores, não necessariamente bons, saudáveis, felizes. O domínio de quadros quotidianos expande-se na escrita e implica sempre quem lê.

Nesta nova novela, a escritora mantém-se fiel a uma identidade que faz da sua escrita uma suspensão dramática. No final, e apenas aí, algo prevalece como esperança. Mas mesmo esta deixa um amargo de boca e uma curiosidade insolúvel ao leitor.



O CABEÇA-QUASE-NUVEM

Alguém pensou? Por uma coisa muito simples: no meio (aquele  
intermezzo) há a palavra "com" muito curiosa! No herbário do  
pai, em vez de ser "Gostei a sério", como quer toda a gente  
em português, há uma expressão, não era alguém a sério? Então  
para lá de um momento, um momento de fazer de conta,  
para para casa sem conseguir parar de pensar nisso: então ter  
uma coleção era assim tão importante (determinante, como di-  
zemos habitual) para se ser verdadeiramente alguém?



***Tiago, o colecionador-  
-quase-nuvem***  
**Vanessa Mendes Martins  
Marta Madureira  
Arranha-céus**



Há narrativas que servem uma tese. Há as que desvendam um mistério. Há as que descrevem sucessões de acontecimentos e aventuras. Esta é uma narrativa feita em teia. Nada se sobrepõe, todos os elementos se organizam em relação. A palavra tem um lugar de destaque e parece existir em desvios permanentes da norma. A lógica é construída a partir de outras perspectivas, apresentadas com uma simplicidade que reforça a sua evidência. O primeiro exemplo nasce com a intriga e é nada mais nada menos que o móbil para a ação. Um amuo do protagonista, Tiago, que se sente perturbado pela categórica afirmação de que toda a gente a sério tem uma coleção, proferida pelo seu tio preferido, o tio Júlio. Mas ainda antes de apresentar ao leitor a razão do amuo, o narrador tece uma exposição sobre a proximidade semântica da palavra amuar e da palavra amar, apenas não idênticas devido à intromissão da letra u no seio do segundo vocábulo.

A teia começa a ganhar forma a partir de dois elementos, um metaficcional e o outro ficcional. Acontece então que depois de uma acurada investigação acerca das coleções das pessoas que conhece, Tiago se depara com uma nova questão: a materialidade e imaterialidade das coleções. Há quem colecione bengalas, cromos ou pulseiras, tanto quanto a sua mãe coleciona beijos e o irmão, questiona-se o protagonista, sons. A montante fica o sentido de coleção, que

implica algo de especial, desejável e que vale a pena fazer perdurar no tempo. A exposição inicial rapidamente se funde com o raciocínio da criança e lhe dá sustentação poética. Tiago é, segundo os comentários que se regem pela norma da comunicação, um menino com a cabeça nas nuvens. A sua perceção do mundo, a dimensão risível da sua observação e dos seus juízos, todavia, desconstroem o sentido paródico e pejorativo da expressão.

No final, o menino descobre a matéria a colecionar e com ela a partilha que a fará viver. A narrativa fecha-se novamente com o amuo e o amor, numa circularidade que reforça o sentido filosófico e poético do texto. Identidade e dualidade, palavra, memória, criação, poesia. Ao longo do texto, são várias as palavras destacadas com um fundo de cor diferente. Uma delas, imaginação.

A escritora venceu, com este texto, o Prémio Branquinho da Fonseca (Expresso/ Gulbenkian) na categoria de obra de literatura para a infância em 2015. A originalidade do tema e a fluidez do discurso, sem temor pela sua dimensão, mantêm este livro na esteira de qualidade de outros que o antecederam e ajudaram a cimentar escritores atualmente essenciais no panorama da literatura infantil, como é o caso de Rita Taborda Duarte, David Machado e mais recentemente Ana Pessoa. Marta Madureira ilustra cada capítulo com formas coloridas e difusas, destacando as partilhas entre pessoas, a profusão de imaginações que crescem na cabeça de Tiago, a leveza do seu voo em harmonia com as nuvens, ou o seu encontro com Luísa. Pássaros e flores são apontamentos que contribuem para uma sensação de harmonia num movimento que se quer sempre livre. Por fim, o livro traz consigo um anexo, uma brochura com cinco breves histórias que materializam o início da coleção de Tiago e Luísa e ainda convidam o leitor a participar nela.



# SOMOS BIBLIOTECAS PÚBLICAS. MUNICIPAIS. DE TODOS.

CAMPANHA DE PROMOÇÃO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

[www.somosbibliotecas.pt](http://www.somosbibliotecas.pt)



facebook.com/somosbibliotecas



twitter.com/somosbiblio



associação portuguesa de  
bibliotecários, arquivistas e documentalistas

DE PARCERIA COM  
OLEITOR, UM  
MODERNO ROMANCE  
PORTUGUÊS

**saramaguiana**

**Leonor Xavier**

SOBRE O  
ANO DA MORTE DE  
RICARDO REIS:

A

lgo de novo acontece na literatura portuguesa contemporânea, quando os escritores não obedecem mais a disciplinas de escolas ou sistemas de geração, e quando os leitores seguem apelos de pensar e de sentir, e de trilhar caminhos em que o real e o imaginário se enredam, sem nunca chegar à definição da verdade ou da mentira. Algo acontece também de diferente na clássica maneira de pensar portuguesa que conhecemos, quando descobrimos que hoje, pára-se de escrever a História de Portugal para se começar a escrever a História dos Portugueses, que pode ser a dos homens portugueses sem história.

Esse é um dos recados de José Saramago, que estará hoje na PUC, às 10 horas, falando sobre o Panorama da Literatura Portuguesa Contemporânea, após ter participado da Feira do Livro Português em São Paulo. Convidado a dissertar sobre o campo da ficção, ele terá a seu lado o poeta Vasco Graça Moura, testemunhando a sua poesia, e Óscar Lopes, que fará o seu ensaio sobre os diferentes discursos do pensamento português no tempo de hoje.

Essa é uma possível chave de entendimento também para os caminhos de criação de Saramago, depois do romance *Memorial do Convento*, e hoje, a propósito do lançamento no Brasil de



*O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Já na 12.ª edição de *Memorial*, o escritor sabe da reação afetiva que sua ficção tem desenrolado nos leitores:

**– As pessoas falam do livro num tom especial – começa por dizer, agora no Rio de Janeiro, de passagem rumo a Lisboa. – Elas não dizem só «gostei», elas falam querendo dizer mais do que isso, como se ficassem sacudidas por dentro.**

Questionando a definição demasiado linear de Romance Histórico para a ficção urdida em torno da construção do Convento de Mafra e da personalidade do Padre Bartolomeu de Gusmão, com todos os excessos da época, que resultou em *Memorial do Convento*, Saramago acredita que, afinal, não há romance que não seja histórico, porque nada há fora da História, e deixa fermentar em si, por muito tempo, o tema, a ideia, as pessoas, que alinhará no estilo bem diferenciado que é o seu.

**– A elaboração está já em mim antes de se iniciar. Há uma dominante classicizante no meu estilo, setecentista (seiscentista, talvez?), que se tempera de uma ironia não explicada, com a ajuda de certas maneiras de equilibrar a frase, ou de**

**fechar os períodos que desautorizam o que foi dito. É como se eu jogasse com efeitos de surpresa, imprevisíveis, criando uma maneira irónica de contar, reconhecendo que escrever já é um ato de ironia.**

Ironia, será, assim, o traço possível de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, quando o escritor entra no jogo entre o real imaginário ou imaginário real, em parceria com seu leitor. O próprio imaginário está no heterónimo de Fernando Pessoa, e o real está na poesia subscrita como Ricardo Reis. «Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e do mês, mas tenho-os algures), no Porto, é médico e está presentemente no Brasil» escrevia Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro, em 13 de janeiro de 1935, explicando a gênese dos heterónimos. «Ricardo Reis regressou a Portugal depois da morte de Fernando Pessoa», acrescenta José Saramago. Aqui, neste jogo entre o que foi ou não foi, ou poderia ter sido, reside a alquimia do romance:

**– Fernando Pessoa dá do imaginário Ricardo Reis três ou quatro traços fisionómicos e biográficos, sem dizer quando ele morre. Então, ele aparece em Lisboa, em dezembro de 1935, depois de 16 anos de Brasil, onde se exilou por questões políticas. Ele é assim a figura do romance como figura viva, mas também como**

***alguém que não existe, porque é figura de ficção. Acontece algo como um jogo, como se alguém fosse pondo sucessivamente máscaras de existência e não existência, ao longo de todo o livro. Para agravar isso, o Fernando Pessoa que já não existe porque morreu entra também na história, como ficção. Não há nada de real que se acrescente, porque tudo pertence ao tempo post-mortem, como se se acrescentasse à biografia de uma sombra. Falamos de tudo como se fosse verdade, isso é que é absurdo.***

Essa verdade, Saramago a situa num clima invernososo de Lisboa, na indiferença do personagem solitário que desembarca no cais de Alcântara, depois da rota no oceano, que trouxe o navio *Highland Brigade*, da Mala Real Inglesa, em escalas entre o Rio de Janeiro e Lisboa. O personagem nada tem de diferente de qualquer outro, e passivamente as circunstâncias da cidade se vão desenrolando aos seus olhos nesse dia de domingo. No táxi teme a pergunta sobre o seu destino: Para Quê, Quando, Para Onde, sabe que para um hotel, qualquer, perto do rio, na Baixa de Lisboa. Chegando, compreendeu «que estava muito cansado, era o que sentia, uma fadiga muito grande, um sono de alma, um desespero, se sabemos com bastante suficiência o que isso seja para pronunciar a palavra a entendê-la.»

O homem vive, o escritor o acompanha, e suscita a nossa cumplicidade, na leitura (ou imaginação?) de todos os seus pensamentos. Logo depois, ele «escreve no livro das entradas, a respeito de si mesmo, o que é necessário para que fique a saber-se quem diz ser, na quadrícula do riscado e pautado da página, nome Ricardo Reis, idade quarenta e oito, natural do Porto, estado civil solteiro, profissão médico, última residência Rio de Janeiro, Brasil, donde procede.» Agora, Fernando Pessoa se concretiza na figura (real?) de Ricardo Reis, Saramago propõe o jogo da verdade/mentira, o leitor não sustem mais a sua inquietação. É que ele identifica, nos papéis arrumados pelo Ricardo Reis da história, a criação do outro Ricardo Reis heterônimo de Fernando Pessoa «vivem em nós inúmeros, se penso ou sinto, ignoro quem é que pensa ou sente, sou somente o lugar onde se pensa e sente e, não acabando aqui, é como se acabasse para além de pensar e sentir e não há mais nada».

Saramago cria, noutro plano, a imagem do Ricardo Reis que permanece em filosofia de vida e concepção poética, querendo ser indiferente aos acontecimentos do seu tempo, nesse ano de 1936 que se inicia:

– ***Esse poderia ser um dos propósitos iniciais do livro*** – explica. – ***O Ricardo Reis hedonista, epicurista, que não intervém nem se interessa pelas coisas, que não sofre nem participa, está mergulhado nesse espaço de 1936 carregado de aconte-***

***cimentos que determinam o destino da Europa e do mundo. É o começo da Guerra Civil de Espanha, a formação da Frente Popular francesa, é a Renânia ocupada pela Alemanha nazista com a cumplicidade das potências, são os políticos ingleses dizendo que se devem entregar colônias à Alemanha, é a guerra da Itália contra a Etiópia em procura de um Império. Em Portugal, é o ano em que se criam a Mocidade Portuguesa e a Legião Portuguesa, enquanto há o levantamento dos marinheiros no Tejo. Com isto, Ricardo Reis regressa do Brasil, como republicano, e Fernando Pessoa acaba de morrer. No meio de tudo, põe-se em causa o que é fazer um romance. O personagem parece indiferente, mas acaba, sem querer, por ter desejos, por se apaixonar. Vai contactando mulheres e vai ganhando sensibilidades, não consegue ser tão indiferente como quer. No romance, essa é a ironia maior, entre ele e a pessoa que o imaginou. Afinal, qual é a sua existência, de personagem de romance ou de morto?***

Entre terra e mar se desenrola a história, quando Ricardo Reis pisa Lisboa no mistério da sua chegada do outro lado do mundo, e quando no final se acabou o mar e a terra o espera já, em morte, situado no tempo a derrota dos marinheiros. Abrindo e encerrando o romance, está a per-

plexidade do autor, confessa, sobre «quem sou eu, quem somos nós e eu como parte de nós», e que no plano de Portugal tem a ver com as perplexidades há tanto tempo presentes na sua identidade no mundo de hoje.

Em outra sugestão bem clara para o jogo proposto, Saramago lembra a frase escrita em Lisboa no pé da estátua de Eça de Queiroz, que usa em criação num momento de *O Ano da Morte*:

**– Eu diria que essa frase lugar-comum inscrita na pedra, «na nudez forte da verdade o manto diáfano da fantasia», poderia ter os seus termos trocados. Por que não? Trocar, ficando a verdade diáfana sob o manto forte da fantasia. Essa ideia não é gratuita, porque se liga a uma das questões centrais do livro, é a de trocar só para perturbar. Propõe-se que o leitor reflita sobre esta troca, no fundo, é um entretecer de contrários... o que me permite dizer que neste livro, nada é verdade e nada é mentira!**

Leonor Xavier é jornalista, escritora e crítica literária. Entre as décadas de 70 e 80 viveu no Brasil. Publicado no *Jornal do Brasil* a 14 de novembro de 1984. Foi mantida a grafia original do texto.



Casa Fernando Pessoa



Fundação José Saramago  
Casa dos Bicos

**Bilhetes de € 1,00 na segunda Casa de Autor,  
mediante apresentação do bilhete de entrada  
na primeira Casa visitada.  
(Desconto com validade de 10 dias)**

Entrance tickets of € 1.00 in the second Author House,  
on presentation of the entrance ticket of the first home visited.  
(Discount is valid for 10 days)

Entradas a € 1,00 en la segunda Casa de Autor,  
en la presentación del billete de entrada en la primera casa visitada.  
(El descuento es válido por 10 días)



Casa Fernando Pessoa  
Rua Coelho da Rocha, 16  
Campo de Ourique  
1250-088 Lisboa  
Tel. (Phone) - + 351 213 913 270  
casafernandopessoa.pt



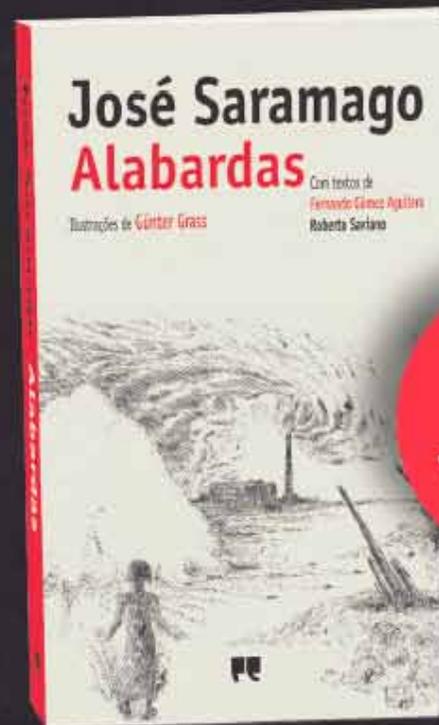
Fundação José Saramago  
Casa dos Bicos  
Rua dos Bacalhoeiros, 10  
1100-135 Lisboa  
Tel. (Phone) - + 351 218 802 040  
josesaramago.org

O PRÉMIO NOBEL PORTUGUÊS CONTINUA VIVO

# JOSÉ SARAMAGO



**ALABARDAS, ALABARDAS,  
ESPINGARDAS, ESPINGARDAS**  
Uma última viagem na sua  
permanente vocação  
para agitar consciências.



**LIVRO  
INÉDITO**

 **Porto  
Editora**  
70 ANOS a abrir horizontes

 **Fundação  
José Saramago**

***Que boas estrelas***

***estarão cobrindo***

***os céus de Lanzarote?***

***José Saramago, Cadernos de Lanzarote***

**A Casa José Saramago**

**Aberta de segunda a sábado,  
das 10 às 14h.**

**Última visita às 13h30.**

**Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h.**

**Última visita a las 13h30 h.**

**Open from monday to saturday,  
from 10 am to 14 pm.**

**Last entrance at 13.30 pm.**

**Tías-Lanzarote - Ilhas Canárias,  
Islas Canarias, Canary Islands**

**[www.acasajosésaramago.com](http://www.acasajosésaramago.com)**



até  
24 set

**Poesia Um Dia**

Quinta edição dos encontros de poesia de Vila Velha de Ródão, com leituras, ateliers para diferentes idades, teatro e conversas a integrarem a programação. Vários lugares, Vila Velha de Ródão.

→

até  
25 set

**Zululuzu**

Espectáculo criado pelo Teatro Praga a partir de um episódio biográfico de Fernando Pessoa, a sua chegada a Durban, na África do Sul. Lisboa, S. Luiz Teatro Municipal.

→

até  
6 nov

**Em Polvorosa: um panorama das coleções MAM Rio**

Entre as dezasseis mil obras que compõem as colecções que originaram este museu, Em Polvorosa coloca em diálogo peças e artistas seleccionados. Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna.

→

até  
6 nov

**Philippe Halsman**

Exposição que reúne cerca de 300 trabalhos de um dos fotógrafos mais icónicos do século XX, responsável, entre outras coisas, por muitas capas da revista *Life*. Barcelona, Caixa Forum.

→

até  
13 nov

**Diálogos Imaginados: Rafael Bordalo Pinheiro e Paula Rêgo**

Diálogo entre os trabalhos dos dois artistas portugueses, destacando a sua reflexão crítica (por vezes mordaz) sobre a sociedade portuguesa. Lisboa, Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

→

até  
8 jan

**Equipo Crónica**

Exposição retrospectiva dos trabalhos criados pelo colectivo artístico que actuou em Valência até ao fim da década de 70 do século XX. Valência, Centro Cultural Bancaja. →

22 set  
a 2 out

**Folio**

Segunda edição do Festival Literário Internacional de Óbidos, com presença de escritores, ilustradores e outros criadores relacionados com o mundo dos livros. Vários lugares, Óbidos. 22 de Setembro a 2 de Outubro. →

30 set  
a 1 out

**Cinco Formas de Morrer de Amor**

Um espectáculo músico-cénico da soprano Catarina Molder que atravessa repertórios onde o amor e a morte, muitas vezes catártica, se cruzam. Porto, Teatro Carlos Alberto. 30 Setembro a 1 de Outubro. →

10 out  
a 29  
jan

**El Capitán**

**Trueno. Tras los pasos del héroe**

Exposição dedicada a uma das mais reconhecidas personagens da banda desenhada espanhola. Madrid, Círculo de Bellas Artes. De 10 de Outubro a 29 de Janeiro de 2017. →

15  
out

**O Pequeno Grande Polegar**

Espectáculo de rua onde o teatro e a música exploram o universo do conto do Polegarzinho para com ele construírem outras narrativas. Alcobça. 15 de Outubro. →

Vai à janela, ainda com a carta na mão, vê o gigante Adamastor, os dois velhos sentados à sombra dele, e a si mesmo pergunta se este desgosto não será representação sua, movimento teatral, se em verdade alguma vez acreditou que amasse Marcenda, se no seu íntimo obscuro querereria, de facto, casar com ela, e para quê, ou se não será tudo isto banal efeito da solidão, da pura necessidade de acreditar que algumas coisas boas são possíveis na vida, o amor, por exemplo, a felicidade de que falam a toda a hora os infelizes, possíveis a felicidade e o amor a este Ricardo Reis, ou àquele Fernando Pessoa, se não estivesse já morto.

*O Ano da Morte de Ricardo Reis*